cultura
governo dos açores

EDIÇÕES & BA PDL
Nº02



NATÁLIA CORREIA

1923
1993

Memórias Guardadas. Silêncios e Ênfases nos Arquivos de Natália Correia e Dórdio Guimarães.

ODÍLIA ALVES GAMEIRO

NATÁLIA CORREIA

(1923 - 1993)

Memórias Guardadas. Silêncios e Ênfases nos Arquivos de Natália Correia e Dórdio Guimarães.

Ficha
Técnica

Edição
Biblioteca Pública e Arquivo
Regional de Ponta Delgada / 2016

Título
Natália Correia (1923 - 1993)
Memórias Guardadas. Silêncios e Ênfases
nos Arquivos de Natália Correia e Dórdio Guimarães.

Autor
Odília Alves Gameiro

Coleção
Edições A&B - PDL Nº2

Imagem de capa
(Natália Correia, cerca de 1950 BPARPD /NC_01-281-2-01)

Coordenação
Rute Dias Gregório

Conceção e paginação
Anabela Cabral

Registos Fotográficos
Anabela Cabral

Digitalizações
Paula Rolo

ISBN
978-972-647-334-3

Catalogação na Fonte
GAMEIRO, ODÍLIA ALVES
Natália Correia (1923 - 1993)
Memórias Guardadas: Silêncios e Ênfases nos Arquivos de Natália Correia e Dórdio Guimarães. Odília Alves Gameiro; coord. Rute Dias Gregório; registos fotográficos [de] Anabela Cabral. Ponta Delgada: BPARPD, 2016.
(Edições A&B - PDL ; 2).

ODÍLIA ALVES GAMEIRO

NATÁLIA CORREIA

(1923 - 1993)

Memórias Guardadas. Silêncios e Ênfases nos Arquivos de Natália Correia e Dórdio Guimarães.

EDIÇÕES A&B PDL

ÍNDICE

Nota introdutória 8
Introdução 11

01| Breve biografia e bibliografia de Natália Correia 15
01.1 A vida 16
01.2 A obra publicada 36

02| Conteúdos dos arquivos 51

03| A descrição dos arquivos de Natália Correia e Dórdio Guimarães 73
03.1 O plano de classificação 76
03.2 A descrição dos fundos 78
03.3 O acondicionamento 85

NOTA INTRODUTÓRIA

Este é o n.º 2 das Edições A&B – PDL. No n.º 1, o *Guia de fundos de arquivo: Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada*, explicámos o interesse desta coleção, virada para a maior e melhor divulgação dos acervos documentais da Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada [BPARPDL].

Em primeiro lugar, a divulgação que se pretende é importante no quadro dos conteúdos intrínsecos desses mesmos acervos, que aos estudiosos e investigadores cabe desvendar e trabalhar, mas para os quais importa também oferecer pistas que permitam uma pesquisa mais célere. Em segundo lugar, e muito particularmente, é importante explicar as práticas e as opções da organização documental.

O trabalho técnico que quotidianamente nos acompanha traz consigo metodologias, seleções e resultados que, muitas vezes, não constam dos catálogos tradicionais, mesmo dos que têm por pano de fundo os mais avançados aplicativos tecnológicos. Cremos que trazê-los a público concretiza o necessário enquadramento, bem como a fundamentação dos trabalhos realizados. Por outro lado, quando sabemos que o tratamento dos fundos documentais, notadamente os arquivísticos, não são inócuos nem indiferentes, antes conferindo ao técnico um papel de *leitor* e de mediador que não é despiciente para a perceção e para o estudo da informação, importa sempre esclarecer os caminhos percorridos e as opções tomadas no processo. Isto é o mínimo que os técnicos da informação de arquivo e biblioteca devem garantir aos estudiosos e àqueles que com maior profundidade se dedicam à pesquisa dos acervos documentais.

É, pois, ao encontro destas preocupações que as Edições B&A – PDL vêm, no caso presente incidindo sobre os arquivos de Natália Correia e de Dórdio Guimarães.

O testamento de Dórdio Guimarães, último marido e herdeiro de Natália Correia, aberto por sua morte de 2 de julho de 1997, lega ao Governo Regional dos Açores, entre outros, a biblioteca e "os manuscritos e originais das obras de Dórdio Leal Guimarães e de Natália Correia, já publicados". À Biblioteca Nacional, por sua vez, legou "todos os manuscritos e demais originais […], bem como a totalidade da hemeroteca existente […] desde que seja facultada uma cópia […] ao Governo Regional dos Açores […]".

É, assim, no cumprimento deste testamento, que os arquivos e bibliotecas de Natália Correia e Dórdio Guimarães se encontram hoje, no seu todo, na BPARPDL.

Em primeiro lugar, e em 14 de janeiro de 1997, o Governo Regional dos Açores e a Biblioteca Nacional celebraram um protocolo, pelo qual se iniciaram os primeiros trabalhos de identificação, classificação e tratamento documental, nas instalações da Biblioteca Nacional. Entretanto, por a Biblioteca Nacional não deter "meios necessários a garantir a continuação e finalização da inventariação", em 29 de junho de 2010 é celebrado um segundo protocolo pelo qual a Direção Regional da Cultura, através da BPARPDL, assume a responsabilidade de continuação e conclusão dos trabalhos de tratamento técnico. Neste contexto, entre outubro de 2012 e outubro de 2015 a DRaC/BPARPDL contratou uma técnica qualificada para o tratamento dos ditos acervos, ficando o arquivo disponível no catálogo em linha no ano de 2016 (http://www.arquivos.azores.gov.pt/), bem como esta edição que aqui se apresenta.

Por ela a autora, Odília Alves Gameiro, que esteve incumbida do trabalho de tratamento técnico de ambos os acervos, tece considerações, num primeiro capítulo, sobre os aspetos gerais da vida e da obra publicada de Natália Correia (informações sobre a *entidade* produtora que são essenciais para o tratamento de qualquer arquivo), num segundo capítulo sobre os conteúdos dos dois arquivos e num terceiro capítulo descreve as questões mais técnicas do trabalho, nomeadamente os assuntos relativos ao plano de classificação, à descrição dos fundos e ao respetivo acondicionamento. Tudo isto ilustrado com abundantes reproduções de alguns dos documentos, bem como das condições de acondicionamento e guarda em que hoje ambos os acervos se encontram.

Creio que estamos perante um trabalho importante e útil, que revela mais alguns dos aspetos da sempre laboriosa, dedicada e competente tarefa de trazer a público os arquivos. Ao contrário do que se possa muitas vezes pensar, esta não é uma tarefa fácil, particularmente quando em causa estão arquivos pessoais, como os presentes.

Se a esta manifestação da vontade de apresentar e fundamentar o trabalho feito, que considero fundamental no trabalho de um arquivista, juntarmos a criativa apresentação gráfica da presente edição, penso que a BPARPDL tem razões para se sentir satisfeita, com mais este número da sua coleção. Queira continuar e perdurar este projeto, com muitas mais e melhores projeções do que é um bom trabalho de tratamento documental!

Rute Dias Gregório
Diretora da Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta delgada

INTRODUÇÃO

NATÁLIA CORREIA

(1923 - 1993)

Natália Correia é uma figura incontornável da cultura portuguesa que, ao longo da sua vida, conviveu com algumas das mais importantes personalidades do mundo da arte e da literatura do século XX. O seu arquivo é um valioso meio para melhor conhecer a escritora. Composto por 23.234 documentos e 1728 provas fotográficas, revela uma enorme riqueza, tanto no período cronológico que abrange, como na variedade temática. Inclui documentação desde 1707, uma carta de familiar do Santo Ofício passada a João de Anantes e respectivos estatutos, até a correspondência enviada a Natália Correia em 1997, já após o seu falecimento.

É a partir de 1952, quando a escritora fixa residência na Rua Rodrigues Sampaio, e sobretudo para as décadas de 1970 a 1993, que se verifica uma maior concentração de documentos no arquivo, os quais testemunham a sua trajectória profissional, uma vasta correspondência com intelectuais, amigos e familiares, originais das suas obras, algumas que publica e outras que permanecem inéditas, bem como escritos de terceiros, enviados para Natália para que redigisse prefácios ou para comentar.



01- **Natália Correia**, ant. 1970
BPARPD/NC 01-283.3

O arquivo inclui também documentos de natureza pessoal, como certidões, diplomas, títulos honoríficos, documentos médicos e bancários, escrituras, agendas e cadernos de anotações, além de um vasto conjunto de provas fotográficas e de recortes de imprensa de artigos por ela publicados, ou que a ela se referem, em jornais e revistas. Analogamente, encontra-se documentação pertencente a familiares e amigos da escritora, como sejam manuscritos ou correspondência, por vezes bastante antiga. Esta é uma situação frequente nos arquivos pessoais, que se verifica também no arquivo de Dórdio Guimarães, amigo pessoal de Natália Correia desde a década de 60 e seu marido de 1990 a 1993, onde se destaca um importante núcleo documental relativo a Natália Correia.

Efetivamente, dos 9747 documentos e 2580 provas fotográficas que compõe o arquivo de Dórdio Guimarães, muitos deles remetem para Natália Correia. No arquivo encontram-se documentos de 1907 a 1997, de natureza pessoal e familiar, provas fotográficas ou documentos que atestam a carreira profissional como cineasta e como escritor, onde a influência de Natália é uma evidência.

Muitos dos trabalhos realizados por Dórdio foram-no em parceria com a escritora açoriana, de quem se encontra no arquivo anotações, cartas e escritos, e a quem dedica vários poemas, muitos deles ainda inéditos. Para além disso, no arquivo de Dórdio Guimarães encontra-se um núcleo de documentos que remetem para o cineasta Manuel Guimarães, pai de Dórdio, e vários manuscritos do titular, maioritariamente poemas, mas também traduções, peças de teatro e textos em prosa. Mas, pelo que fica dito, embora o valor do arquivo não se esgote na relação entre Dórdio Guimarães e Natália Correia, é evidente o interesse do primeiro em compilar testemunhos da vida e obra de Natália Correia, desde o momento em que a conheceu e que permanece mesmo após a morte desta. Com efeito, os últimos anos de vida de Dórdio Guimarães, de 1993, ano da morte da escritora, a 1997, ano do seu falecimento, parecem ter sido totalmente dedicados a Natália; seja nos livros de poemas que redige, seja a reunir material de imprensa que a refere, seja na criação de uma Fundação com o seu nome.

Este processo culminaria na redacção do seu testamento, pelo qual define o destino a dar aos seus bens e aos de Natália Correia, de que era único herdeiro. Datado de 14 de janeiro de 1997, o testamento de Dórdio Leal Guimarães nomeia o Governo Regional dos Açores como principal beneficiário dos seus bens e dos de Natália Correia. É a este que lega o recheio da casa, incluindo mobiliário, esculturas, pinacoteca, biblioteca, acervo da exposição "Homenagem Natália Correia" e os manuscritos das obras publicados.

Relativamente aos inéditos, estes são destinados à Biblioteca Nacional de Portugal, primeira instituição que acolhe os arquivos dos escritores.

Após a morte de Dórdio Guimarães, Maria Helena do Rego da Costa Salema Roseta, nomeada primeira testamenteira, procedeu, juntamente com uma equipa que coordenou, ao inventário, ainda em casa do casal, de todos os seus bens. Em relação aos arquivos, conta com a colaboração da Biblioteca Nacional de Portugal para proceder a uma organização, ainda preliminar, dos acervos, segundo o plano de classificação do Arquivo da Cultura Portuguesa Contemporânea, onde deram depois entrada.

Aí dá-se início à descrição do arquivo de Natália Correia que não foi, no entanto, concluída. Em 2010 os dois arquivos foram enviados para a Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, onde o trabalho de descrição é retomado, em 2012, e finalizado em 2015. Para tal foi realizado um contrato tarefa para assegurar os serviços de uma técnica superior de arquivo, afeta exclusivamente ao tratamento técnico dos fundos Natália Correia e Dórdio Guimarães.

Antes de se passar à análise do tratamento arquivístico dos arquivos de Natália Correia e de Dórdio Guimarães é importante fornecer algumas informações sobre estas personalidades, em particular da escritora micaelense seja pela importância que teve no panorama cultural e político português, seja porque, de facto, é a figura que mais sobressai em ambos os arquivos. Não se pretende traçar minuciosamente o seu percurso biográfico ou o da sua produção intelectual, apenas esboçar as várias facetas de uma vida recheada que frequentemente é atestada pelo conteúdo dos arquivos, mas nem sempre.

01

BREVE BIOGRAFIA E BIBLIOGRAFIA DE NATÁLIA CORREIA

01.1 A VIDA

Natália de Oliveira Correia nasceu na Fajã de Baixo, no dia 13 de setembro de 1923, e veio a falecer a 16 de março de 1993, em Lisboa. Micaelense de nascimento é filha de um comerciante, Manuel Medeiros Correia, que emigra para o Brasil três anos após o seu nascimento, e de uma professora primária, Maria José de Oliveira. Durante os primeiros anos de vida, em S. Miguel, Natália é criada numa espécie de gineceu com as avós, as tias e sobretudo a figura materna que era, em sua opinião...

"Cultíssima, libertária e mestra dos mitos que semearam na minha mente a sensibilidade..." (1)

Maria José Correia era escritora e incutiu às filhas, Carmen e Natália, o gosto pela leitura, sobretudo de autores clássicos, e pela música. Em 1934, a família muda-se para Lisboa onde Natália Correia não se adapta ao ensino oficial. É expulsa do liceu Filipa de Lencastre e mais tarde da Escola Machado de Castro, optando, então, por formar-se por conta própria, embora com a ajuda da mãe, que orienta os seus estudos, e de mestres, intelectuais que frequentam a sua casa. Habituada a contactar com eruditos desde os tempos de Ponta Delgada, onde a casa materna era o salão político e intelectual de deportados, Natália conhece em Lisboa importantes figuras da vida cultural, sendo uma das primeiras Manuel Cardoso Marta. Célebre bibliógrafo, amigo pessoal de Maria José de Oliveira, de quem chegou a ser hóspede, Cardoso Marta mantém uma ligação de amizade com a escritora micaelense ao longo da vida, sendo a residência desta, na altura a viver já na Rua Rodrigues Sampaio, a sua última morada, dos seus escritos e da sua preciosa biblioteca.

(1) [Resposta a Inquérito], [post. 1990], ms., fl.1
BPARPD/NC - 3353.1

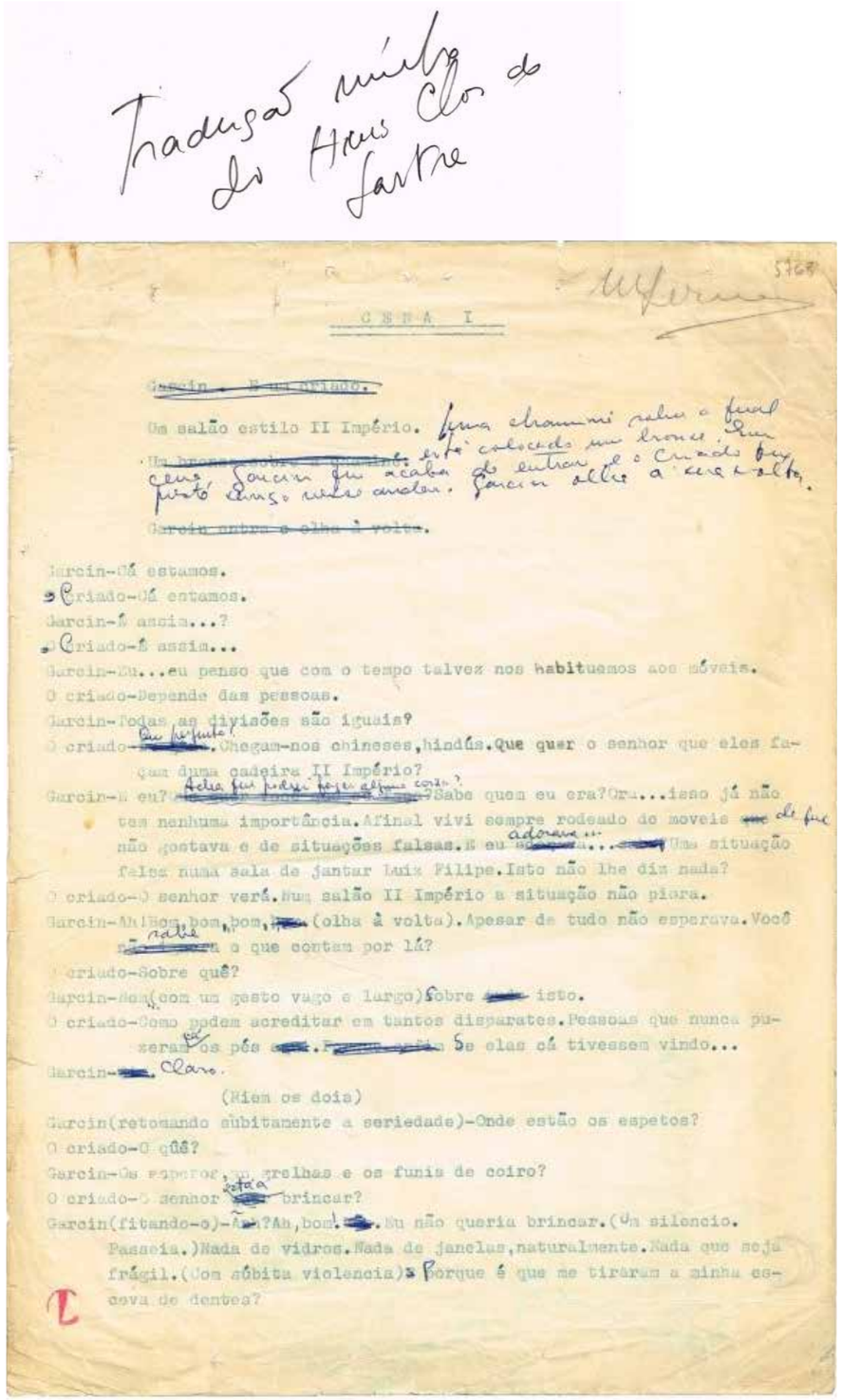
Numa entrevista ao *"Jornal Novo"* Natália Correia reconhece relativamente ao amigo que:

"Acarinhou-me os primeiros passos poéticos na minha adolescência (...) sendo eu rebelde aos estudos sistemáticos, confiei-me nele, como ensinanda de literatura e das suas lições resultou o meu interesse pela nossa poesia trovadoresca" (2)

Aos ensinamentos de Cardoso Marta acrescem os que colhe em Almada Negreiros, António Sérgio e, um pouco mais tarde, em Vitorino Nemésio, os quais entende serem seus mestres. São estas as grandes referências intelectuais de Natália Correia na sua formação mas, ao longo da vida, conta também, entre os seus conhecidos e amigos, com Isabel Meyrelles, Cruzeiro Seixas, Delfim dos Santos, Martins Correia, David Mourão Ferreira, Urbano Tavares Rodrigues, Mário Cesariny, António Maria Lisboa, Lima de Freitas, Francisco de Sousa Tavares, Fernanda de Castro, entre muito outros que se podem citar.

Alguns desses amigos, como Cardoso Marta, já referido, Manuel de Lima, Luís Pacheco ou Maria Helena Morais e Castro, chegam a viver em casa de Natália Correia, na Rua Rodrigues Sampaio. Nesta casa, a que dedica vários poemas, fixa residência desde o início da década de cinquenta até final da vida, rodeada de livros, quadros, esculturas e torna o seu espaço privilegiado de convívio para receber Henry Miller, Ionesco, Claude Roi, Michaux, Marcel Marceau, Irving Layton e organizar *soirées*, em que, por exemplo, se representa clandestinamente, pela primeira vez em Portugal, a peça de Sartre, *Huis Clos*, por si traduzida.

(2) [Entrevista para "Jornal Novo"], [post. 1980], ms., fl.2
BPARPD/NC - 3342.3



Tradução minha do Huis Clos de Sartre

5768

GENAL I

Um salão estilo II Império. Uma chaminé ao fundo. Um [illegible] está colocado um bronze. Um criado Garcin que acaba de entrar. O criado fecha a porta. Garcin olha à volta. Garcin olha em volta e olha à volta.

Garcin-Cá estamos.
O criado-Cá estamos.
Garcin-É assim...?
O criado-É assim...
Garcin-Eu...eu penso que com o tempo talvez nos habituemos aos móveis.
O criado-Depende das pessoas.
Garcin-Todas as divisões são iguais?
O criado-Em frente. Chegam-nos chineses,hindús.Que quer o senhor que eles façam duma cadeira II Império?
Garcin-E eu? Acha que pode ter sido? Sabe quem eu era?Or...isso já não tem nenhuma importância.Afinal vivi sempre rodeado de moveis de que não gostava e de situações falsas.E eu adorava... Uma situação falsa numa sala de jantar Luiz Filipe.Isto não lhe diz nada?
O criado-O senhor verá.Num salão II Império a situação não piora.
Garcin-Ah!Bom,bom,bom, (olha à volta).Apesar de tudo não esperava. Você sabe o que contam por lá?
O criado-Sobre quê?
Garcin-Sem(com um gesto vago e largo)Sobre isto.
O criado-Como podem acreditar em tantos disparates.Pessoas que nunca puseram os pés [illegible]. Se elas cá tivessem vindo...
Garcin-Claro.
(Riem os dois)
Garcin(retomando subitamente a seriedade)-Onde estão os espetos?
O criado-O quê?
Garcin-Os espetos, as grelhas e os funis de coiro?
O criado-O senhor está a brincar?
Garcin(fitando-o)-?Ah,bom! Eu não queria brincar.(Um silencio. Passeia.)Nada de vidros.Nada de janelas,naturalmente.Nada que seja frágil.(Com súbita violencia)-Porque é que me tiraram a minha escova de dentes?

02 - [***Huis Clos***, tradução de Natália Correia da obra de *Jean Paul Satre*], 1950, ms., fl.1
BPARPD/NC - 5768

Em 1971, o espaço de convívio passa para o Bar Botequim, que Natália Correia cria juntamente com Isabel Meyrelles,no Bairro da Graça, onde:

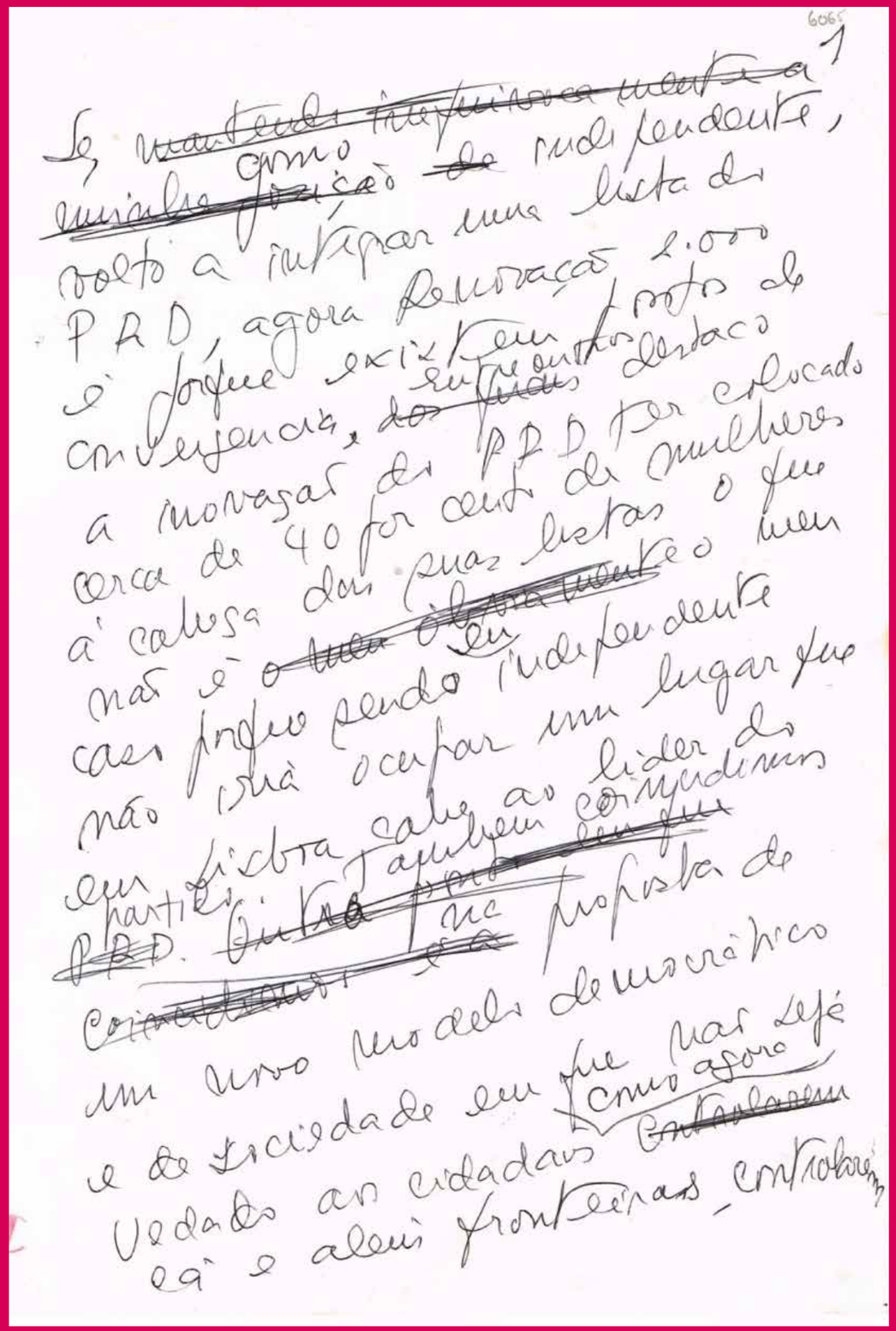
"Importantes vultos das letras, das artes plásticas, do espectáculo, da ciência, cruzavam-se [com] figuras carismáticas das noites de Lisboa, artistas falhados e arruinados fidalgos, bêbados e vários loucos, compondo uma curiosa galeria."

É no Botequim, com André Coyné e Dominique De Roux, que Natália passa a noite de 24 para 25 de abril de 1974, em que celebra a queda de um regime contra o qual desde muito cedo se insurge e pelo qual é perseguida e condenada.
Natália Correia está, em 1945, nas listas da criação do Movimento da Unidade Democrática (MUD), que se assume como opositor do regime, apoia a candidatura do General Norton de Matos, em 1949, e mais tarde a do general Humberto Delgado, em 1958. Integra ainda a Comissão Eleitoral da Unidade Democrática (CEUD), formação eleitoral oposicionista que disputa as eleições legislativas de 1969.



03- **Natália Correia na reunião do *CEUD***, 1969.
BPARPD/NC 01-191

Posteriormente ao 25 de abril de 1974, a escritora micaelense assume cargos políticos, primeiro como consultora para os Assuntos Culturais Internos da Secretaria de Estado da Cultura, em 1976, na qualidade de assessora de David Mourão-Ferreira e, três anos mais tarde, pela mão de Francisco Sá Carneiro, é eleita deputada à Assembleia da República. Incapaz de seguir orientações políticas contra os ditames da sua consciência, desvincula-se do Partido Social Democrata (PSD) em 1982, reagindo contra lhe ter sido retirada a vice-presidência da Comissão de Cultura e Ambiente. Passa então a deputada independente, estatuto que volta a ocupar em 1987, integrada nas listas do Partido Renovador Democrático (PRD).

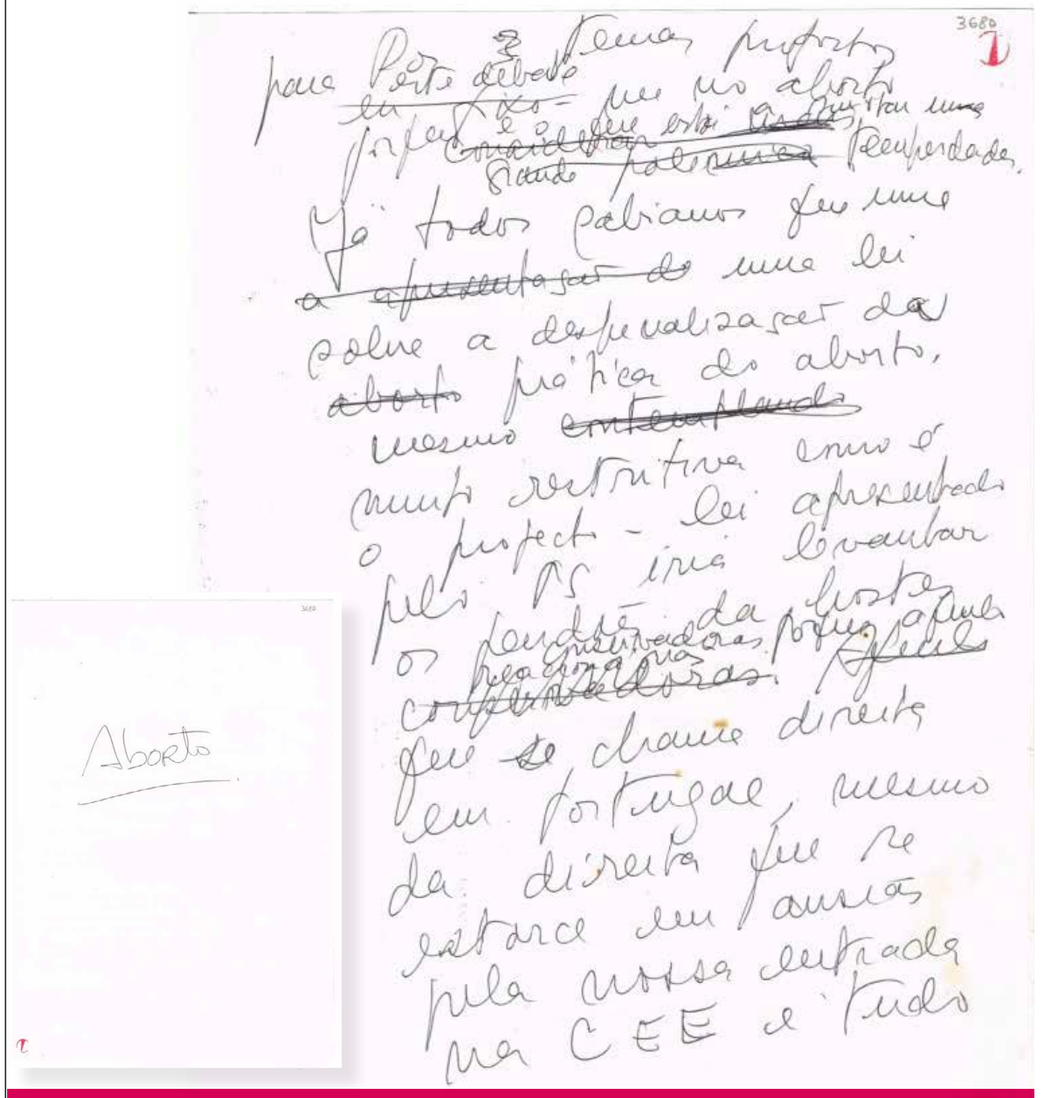


04 - **[Discurso de Natália Correia em campanha pelo PRD]**, post 1987, ms., fl.1. BPARPD/NC - 6065.

A proximidade aos Presidentes da República, tanto António Ramalho Anes como Mário Soares, que conhecia desde os tempos do Movimento União Democrática, leva-a a participar em vários eventos políticos, como na comitiva presidencial à Áustria, em 1980, na delegação portuguesa à União Soviética, em 1985, ou na Presidência Aberta de Mário Soares aos Açores, em 1989.

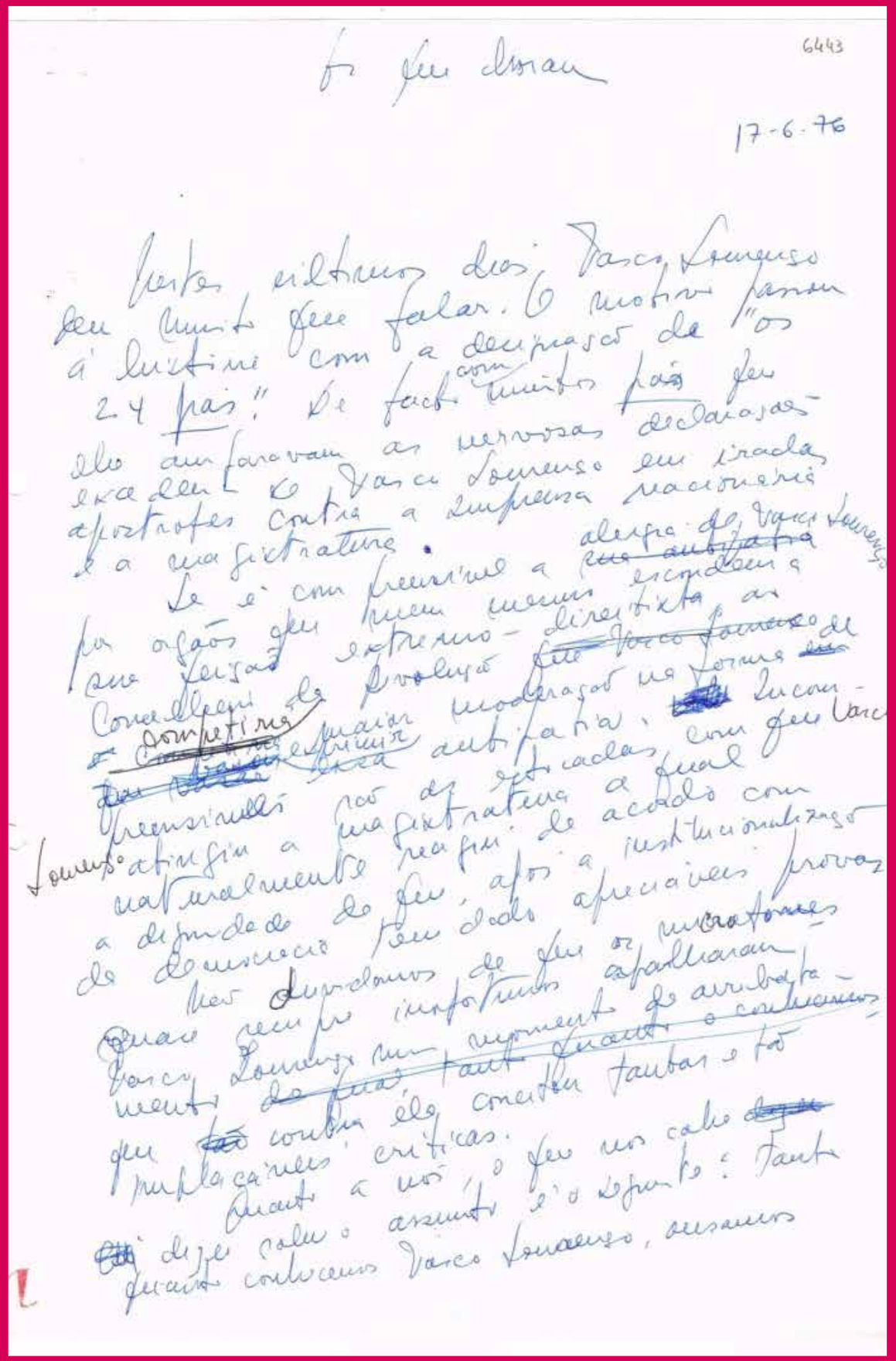
05 - **[Natália Correia junto à casa onde nasceu na Fajã de Baixo]**, 1987.
BPARPD/NC 02-6

Participa ativamente nas causas em que acredita, nomeadamente no debate sobre o aborto, de que é uma acérrima defensora, na proposta da criação da Comissão para a igualdade e participação das mulheres, no debate sobre o acordo ortográfico, no apoio à candidatura de Maria de Lurdes Pintassilgo à Presidência da República, ou na representação de Portugal nas negociações com o governo de Bagdad para libertação de reféns presos no Iraque.

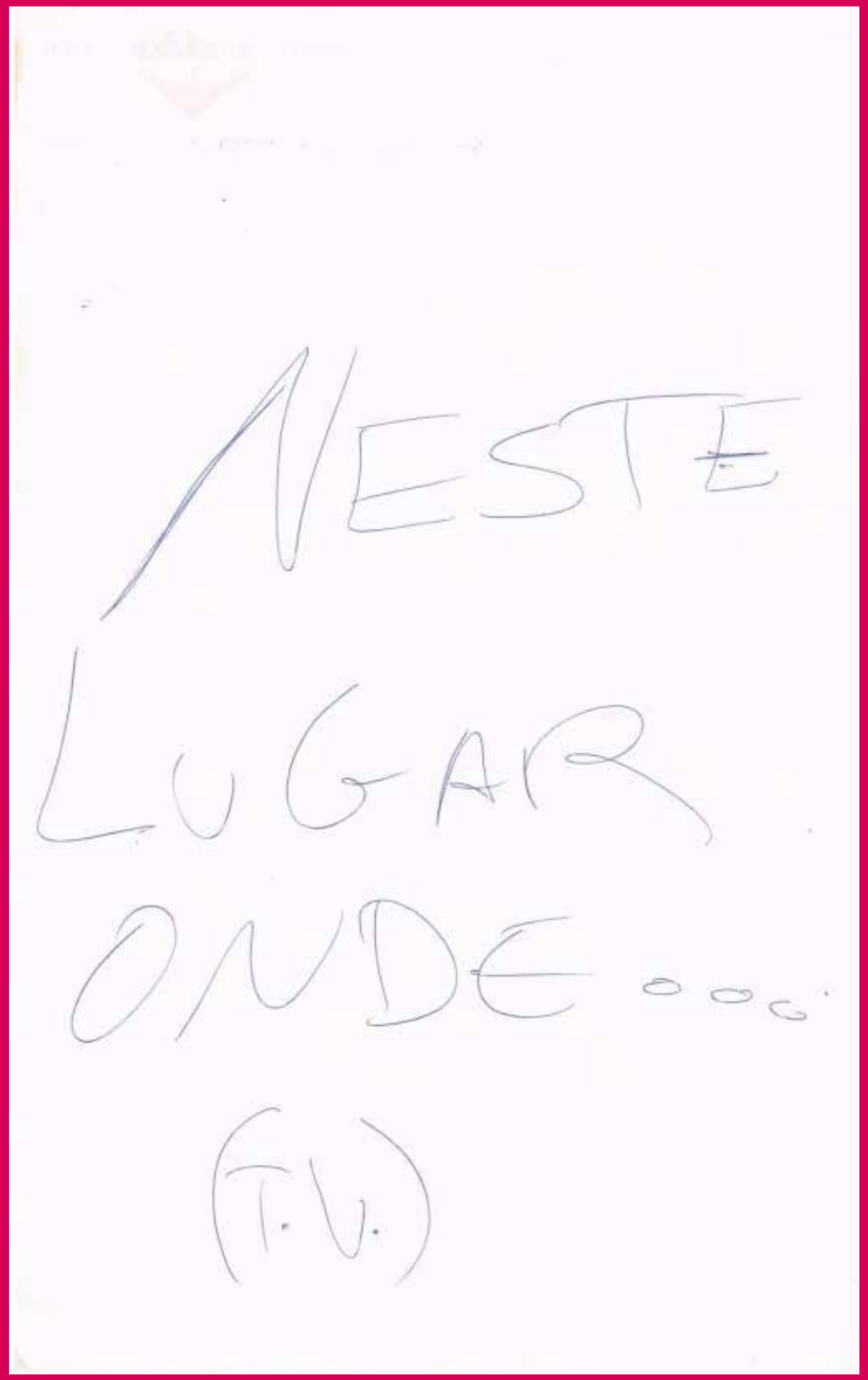


06 - **[Dossiê sobre despenalização do aborto]**, post 1980, ms., fl.1
BPARPD/NC - 3680

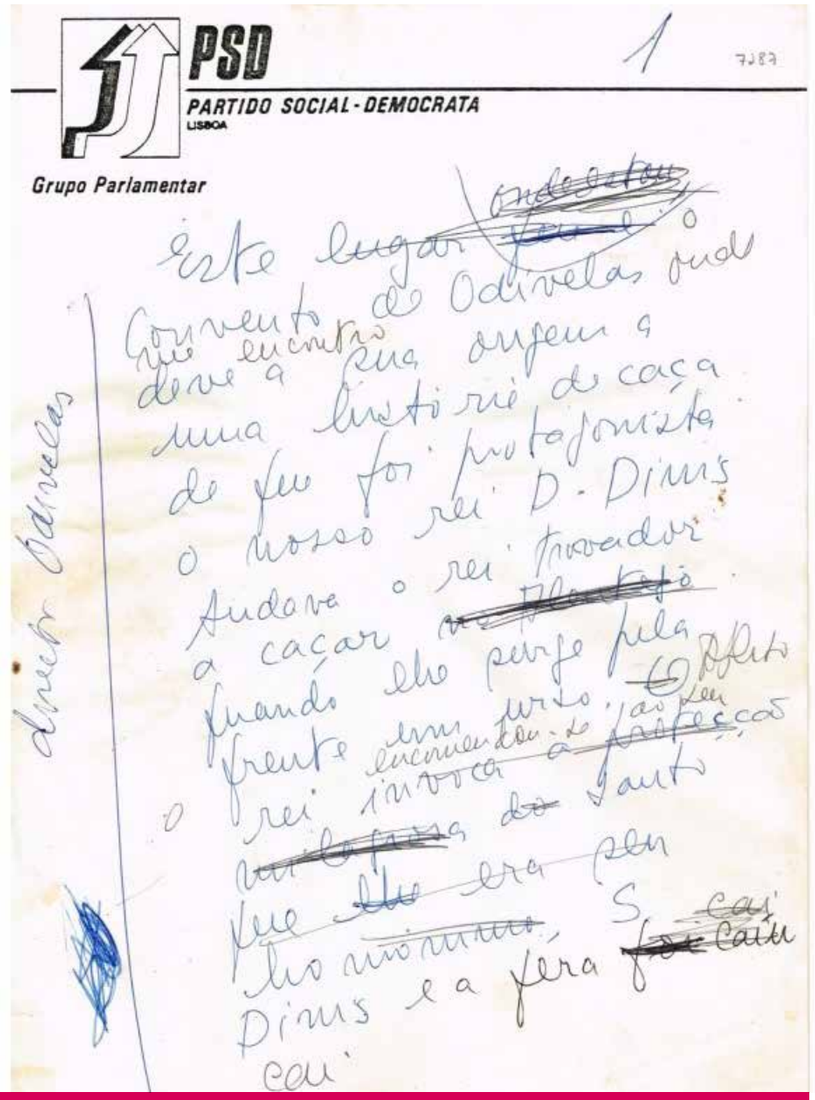
Apesar da intensa atividade política que exerce, Natália Correia não considera ter sido esta a sua carreira, nem tão pouco a de jornalista, embora, tal como a política, o jornalismo a tenha acompanhado numa grande parte da sua vida. Aos 22 anos começou a trabalhar para o jornal *Portugal, Madeira e Açores* onde, mais tarde, publica o seu primeiro poema *À partida de S. Miguel* (7 abr. 1947). É o início de uma colaboração duradoura com a imprensa nacional, tendo passado pela redacção de vários jornais, como *Sol, Jornal de Letras, O Século, Revista Notícia, O Século Hoje, Vida Mundial*, de que é directora em 1976, J*ornal Novo, A Luta* e *O Dia*, entre outros. No ano de 1968 escreve, no *Diário de Notícias* as crónicas *O Poeta e o Mundo* e, para o jornal *A Capital*, em 1974, as *Crónicas Vagantes.*



07 - **[Manuscrito de texto de Natália Correia publicado na coluna intitulada *"Os que choram"*]**, 1976, ms. BPARPD/NC - 6443



Próximas da atividade jornalística estão, igualmente, as séries televisivas intituladas *Neste Lugar Onde*, em 1980, em que pretende dar a conhecer o património cultural relacionando-o com a literatura e *Mátria*, em 1986, onde grandes figuras femininas são usadas para divulgar a história. Idealizados e apresentados por Natália Correia, os programas refletem sobre a realidade do país e sobre proeminentes figuras da cultura portuguesa. Tanto num caso como no outro foram produzidos pelo cineasta Dórdio Guimarães, amigo de longa data de Natália Correia.

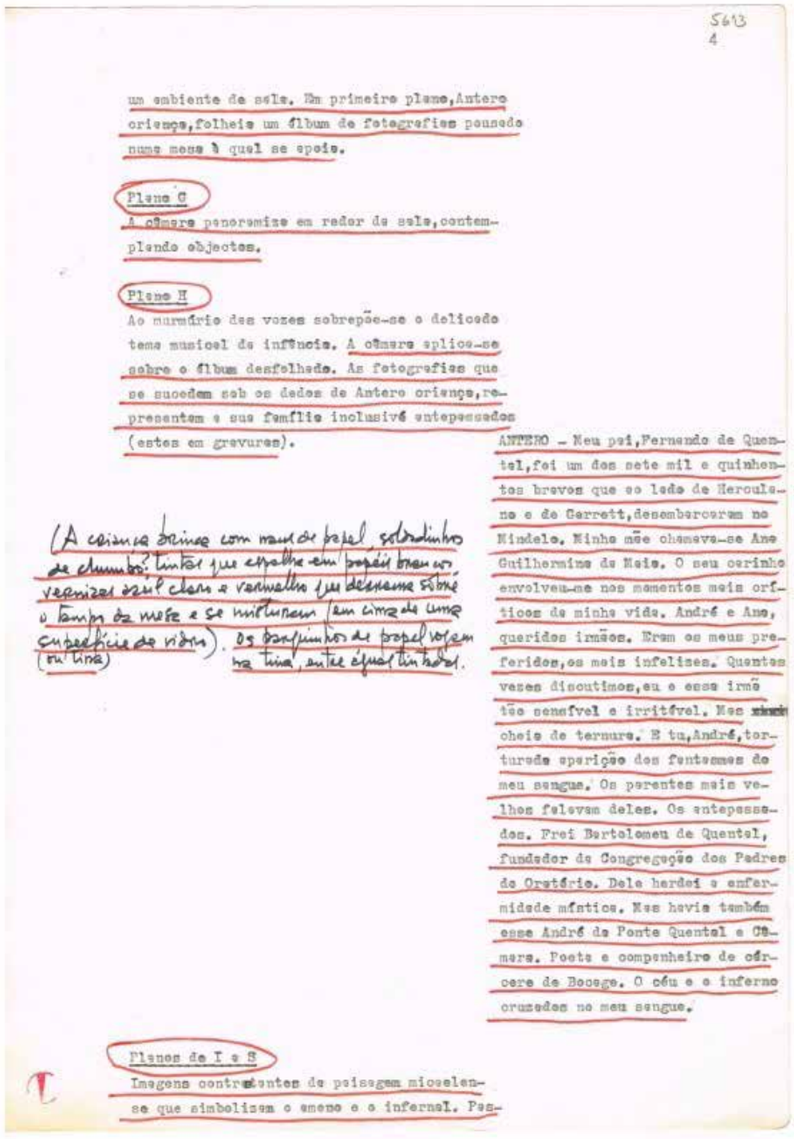

PSD
PARTIDO SOCIAL-DEMOCRATA
LISBOA
Grupo Parlamentar
1
7287
Este lugar onde o Convento de Odivelas pode encontrar
Diana Odivelas

08 - **[Manuscrito de um dos episódios da série televisiva *"Neste lugar onde"*]**, 1980, ms., fl. 1. BPARPD/NC - 7287

Dórdio conhece Natália no início dos anos 60, ainda muito jovem, e nunca mais dela se desliga. Filho de Clarisse Guimarães e do cineasta Manuel Guimarães, nasce no Porto a 10 de março de 1938. Tal como seu pai é cineasta, tendo colaborado como assistente de realização de Manuel Guimarães nos filmes *Vidas sem rumo*, de 1956, e *A Costureirinha da Sé*, de 1959, e como ator em *Nazaré*, de 1952, sendo também responsável pela montagem de *Cântico Final*, obra que o pai deixara inconcluída.



09 - **[Dórdio Guimarães e Vergílio Ferreira em homenagem a Manuel Guimarães]**, 1975. BPARPD/DG 01 - 62.11



5613
4

um ambiente de sala. Em primeiro plano, Antero
criança, folheia um álbum de fotografias pousado
numa mesa à qual se apoia.

Plano G
A câmara panoramiza em redor da sala, contem-
plando objectos.

Plano H
Ao murmúrio das vozes sobrepõe-se o delicado
tema musical da infância. A câmara aplica-se
sobre o álbum desfolhado. As fotografias que
se sucedem sob os dedos de Antero criança, re-
presentam a sua família inclusivé antepassados
(estes em gravuras).

(A criança brinca com mais de papel colorido
de chumbo? tintas que espalha em papéis brancos
vernizes azuis claros e vermelhos que desenha sobre
o tampo da mesa e se misturam (em cima de uma
superfície de vidro) (ou tinta). Os pontinhos de papel vejam
na tinta, antes espalhados.

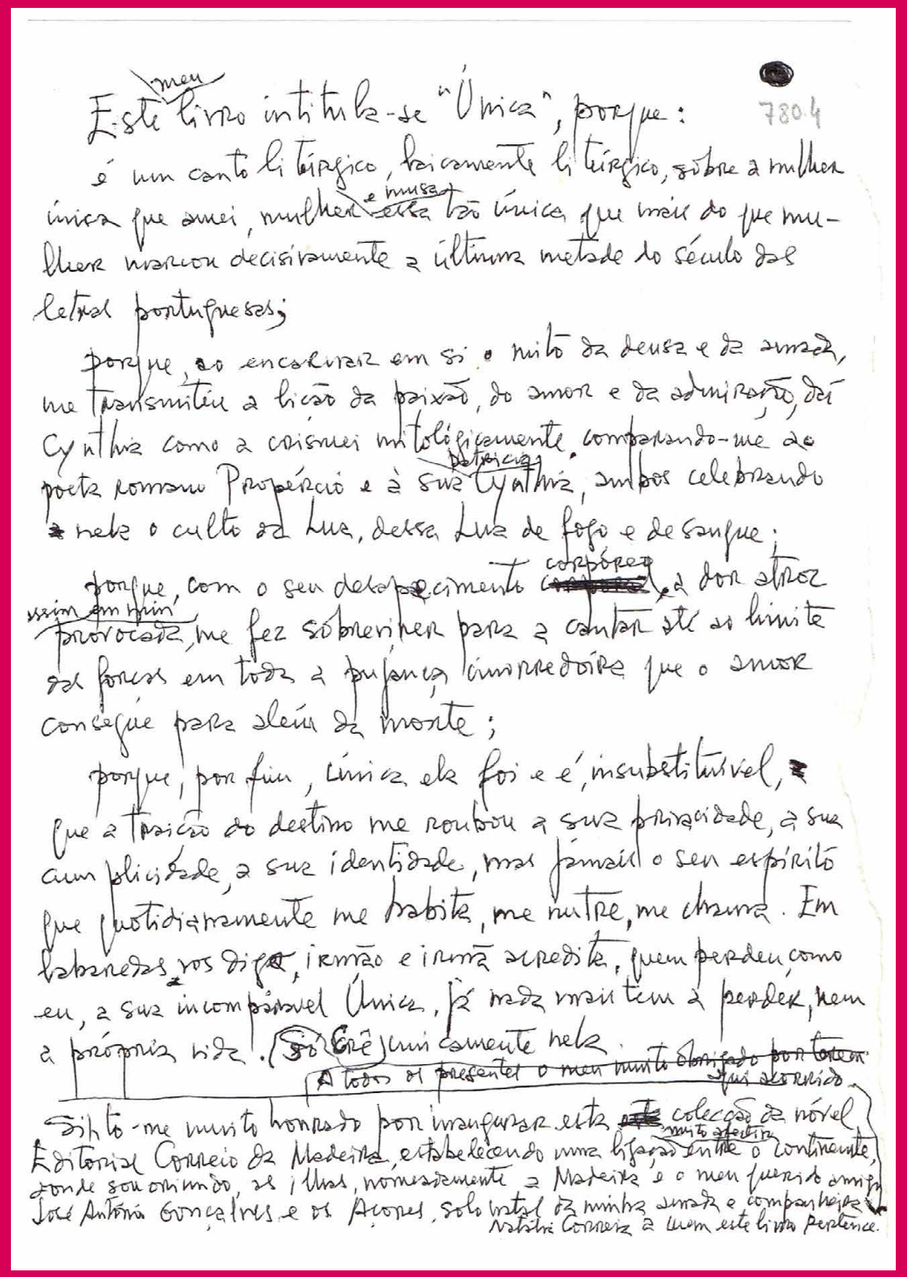
ANTERO - Meu pai, Fernando de Quen-
tal, foi um dos sete mil e quinhen-
tos bravos que ao lado de Hercula-
no e de Garrett, desembarcaram no
Mindelo. Minha mãe chamava-se Ana
Guilhermina da Maia. O seu carinho
envolveu-me nos momentos mais crí-
ticos da minha vida. André e Ana,
queridos irmãos. Eram os meus pre-
feridos, os mais infelizes. Quantas
vezes discutimos, eu e esse irmão
tão sensível e irritável. Mas
cheia de ternura. E tu, André, tor-
turada aparição dos fantasmas do
meu sangue. Os parentes mais ve-
lhos falavam deles. Os antepassa-
dos. Frei Bartolomeu de Quental,
fundador da Congregação dos Padres
do Oratório. Dele herdei a enfer-
midade mística. Nas havia também
esse André da Ponte Quental e Câ-
mara. Poeta e companheiro de cár-
cere de Bocage. O céu e o inferno
cruzados no meu sangue.

Planos de I a S
Imagens contrastantes da paisagem micaelen-
se que simbolizam o ameno e o infernal. Pas-

10 - **[Guião de *Santo Antero* com anotações manuscritas de Dórdio Guimarães]**, ant. 1979, dat. e ms., fl. 1. BPARPD/NC - 5613

É, no entanto, a ligação a Natália Correia que mais vinca a obra de Dórdio Guimarães. Nas filmagens trabalham juntos em vários projetos, seja para a Rádio Televisão Portuguesa, em que além das séries já referidas, a escritora colabora como guionista e apresentadora nos programas *Aí vai Lisboa* e *Natal Português*, seja no cinema em que é argumentista de *Santo Antero*, dedicado a Antero de Quental, e *Soror Saudade*, sobre Florbela Espanca, dois poetas de referência para Natália Correia.

“Cynthia”



E-sti meu livro intitula-se "Única", porque: 7804

é um canto lí tirágico, basicamente lí tirágico, sôbre a mulher única que amei, mulher e musa tão única que mais do que mulher marcou decisivamente a última metade do século das letras portuguesas;

porque, ao encarnar em si o mito da deusa e da amada, me transmitiu a lição da paixão, do amor e da admiração, dêi Cynthia como a conheci mitologicamente comparando-me ao poeta romano Propércio e à sua Cynthia, ambos celebrando neles o culto da Lua, dessa Lua de fogo e de sangue;

porque, com o seu desaparecimento corpóreo, a dor atroz assim em fim provocada, me fez sobreviver para a cantar até ao limite das forças em toda a pujança imprescindível que o amor consegue para além da morte;

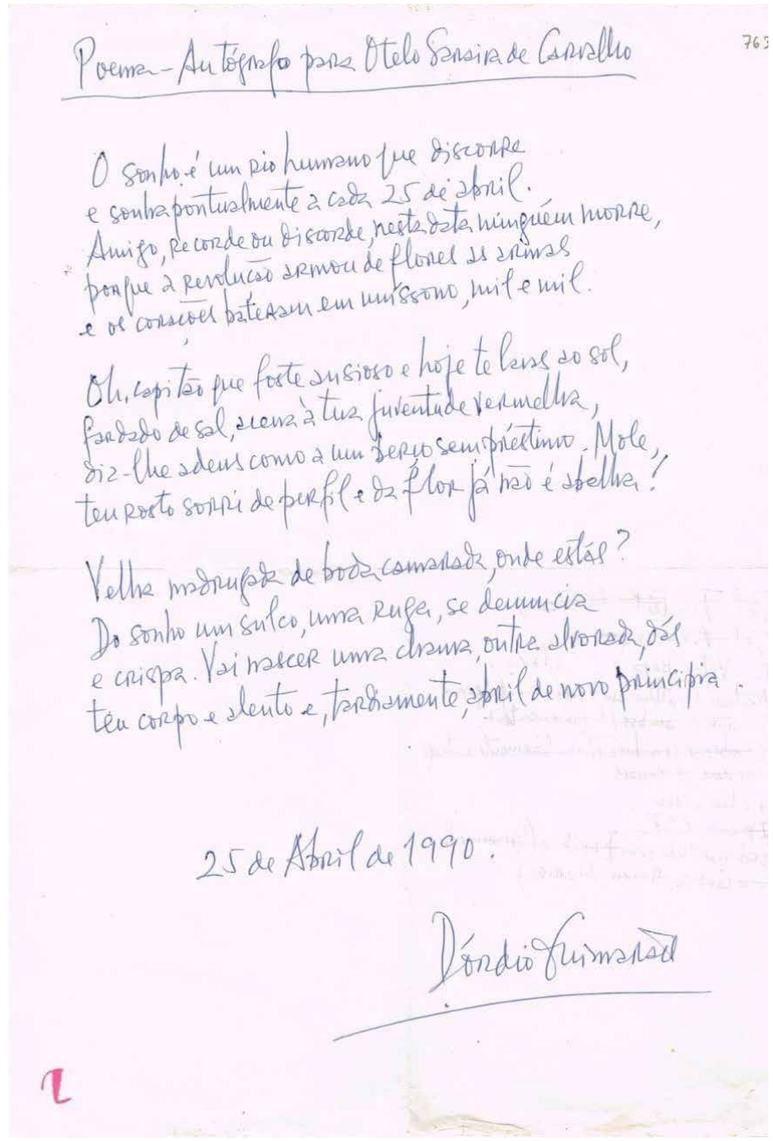
porque, por fim, única ela foi e é, insubstituível, que a traição do destino me roubou a sua presença, a sua cumplicidade, a sua identidade, mas jamais o seu espírito que quotidianamente me habita, me nutre, me chama. Em tabernáculos vários diferentes, irmão e irmã acredita, quem perdeu como eu, a sua incomparável Única, já nada mais tem a perder, nem a própria vida. (Só Ela) Unicamente ela.

~~A todos os presentes o meu muito obrigado por terem~~ Já disse.

~~Sinto-me muito honrado por inaugurar esta~~ colecção de nível Editorial Correio da Madeira, estabelecendo uma ~~ligação~~ muito especial entre o Continente, donde sou oriundo, as Ilhas, nomeadamente a Madeira e o meu querido amigo José António Gonçalves e os Açores, solo natal da minha amada e companheira Natália Correia a quem este livro pertence.

11 - [**Texto explicativo sobre o título, *Única obra dedicada a Natália Correia* e do nome *Cynthia***], ant. 1995, ms., fl.1 BPARPD/NC - 780.4

Mas é sobretudo nas criações literárias que a presença de Natália mais se sente na obra de Dórdio Guimarães, tendo-lhe este dedicado vários livros de poemas intitulados *Cynthia*, nome que cria para ela. A sua produção literária é no entanto extensa, tanto na prosa como, sobretudo, na poesia, ou ainda na crónica, dado de Dórdio Guimarães foi cronista assíduo na imprensa nacional.



Poema - Autógrafo para Otelo Saraiva de Carvalho 763

O sonho é um rio humano que discorre
e sonha pontualmente a cada 25 de abril.
Amigo, recorde ou discorde, neste data ninguém morre,
porque a revolução armou de flores as armas
e os corações bateram em uníssono, mil e mil.

Oh, capitão que forte suor e hoje te leva ao sol,
fardado de sal, acena à tua juventude vermelha,
diz-lhe adeus como a um berço sempiterno. Mole,
teu rosto sorri de perfil e da flor já não é abelha!

Velha madrugada de boda camarada, onde estás?
Do sonho um sulco, uma ruga, se denuncia
e crispa. Vai nascer uma criança, outra alvorada, dás
teu corpo e alento e, ternamente, abril de novo principia.

25 de Abril de 1990.

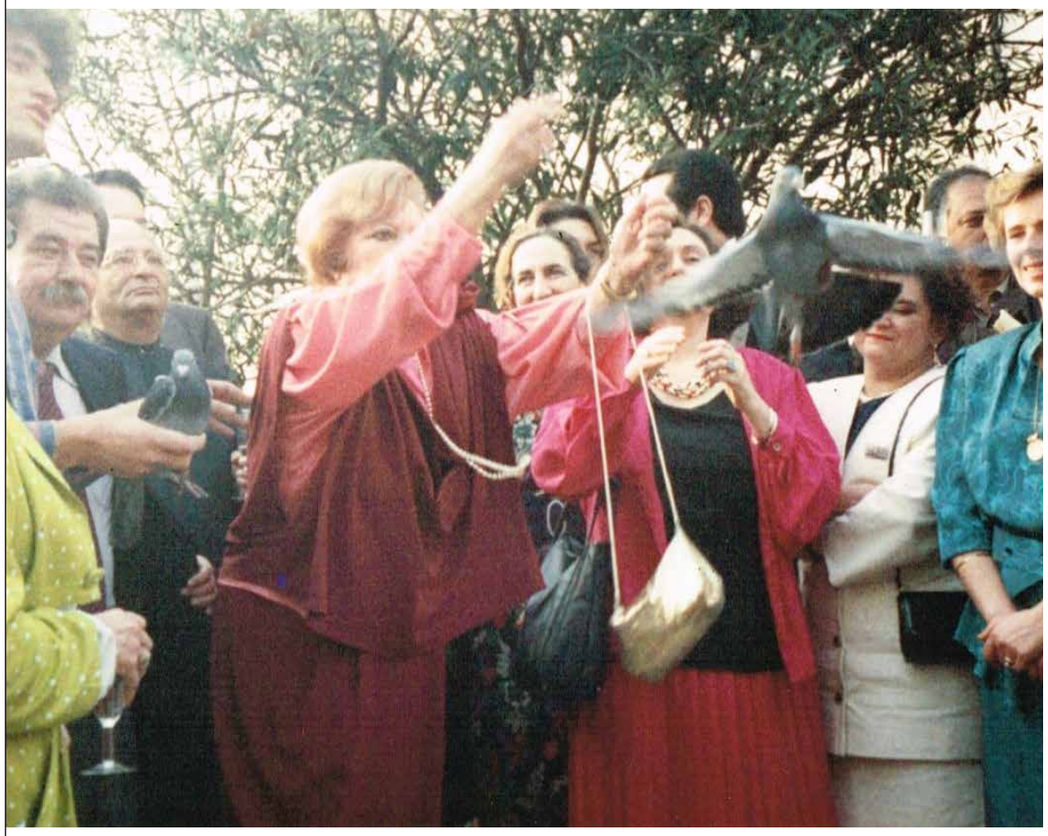
Dórdio Guimarães

1

12 - Poema - Autógrafo para Otelo Saraiva de Carvalho, 1990, ms., fl.1. BPARPD/DG 763.

“Só a pomba será libertada. O pombo, esse machista, terá de continuar preso”

Apesar de Dórdio ter conhecido Natália muito cedo, casam apenas no final das suas vidas, em 1990, um ano depois de a escritora ter enviuvado. Quando se conheceram Natália Correia era já casada com Alfredo Machado, o seu terceiro marido, após duas ligações falhadas.



13 - [**Casamento de Natália Correia com Dórdio Guimarães**], 1990. BPARPD/NC 02-22.30

“Só a pomba será libertada. O pombo, esse machista, terá de continuar preso” (3)

(3) DACOSTA, Fernando - *O Botequim da Liberdade.* Lisboa: Casa das Letras, 2013, p.185.

Natália casa pela primeira vez a 14 de setembro de 1942, com Álvaro dos Santos Dias Pereira, de quem cedo se separa, o mesmo vindo a acontecer com William Creighton Hylen, um norte-americano a quem se une em 1949, na cidade de Tânger, pelo que não consta averbamento na sua certidão de nascimento.

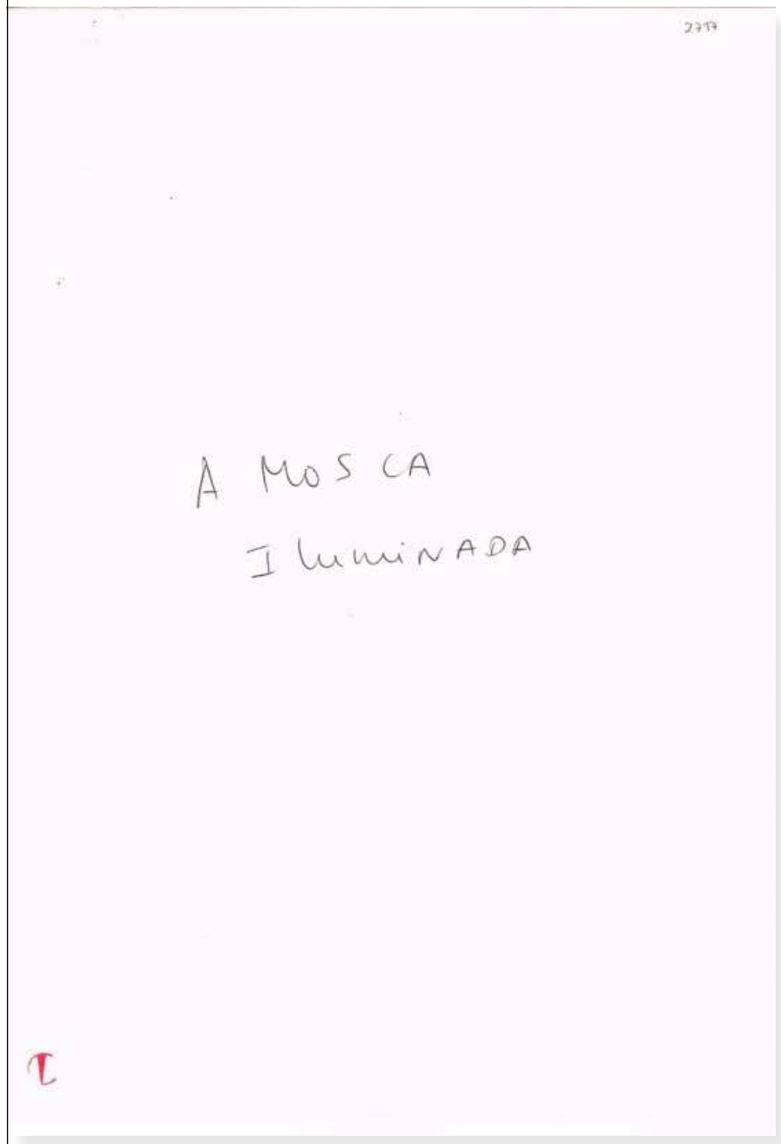
Um ano depois, a 31 de julho de 1950, casa com Alfredo Machado, seu companheiro ao longo de 39 anos, por quem Natália nutre um grande carinho, o que não é impeditivo de outros homens mostrarem admiração pela companhia da escritora. É o caso do primo José António que, depois de sair de S. Miguel e antes de embarcar para a guerra da Guiné, se hospeda na Rua Rodrigues Sampaio.



14 - **Natália Correia**, [Lisboa], 1939. BPARPD/NC 01-151.1

01.2 A OBRA PUBLICADA

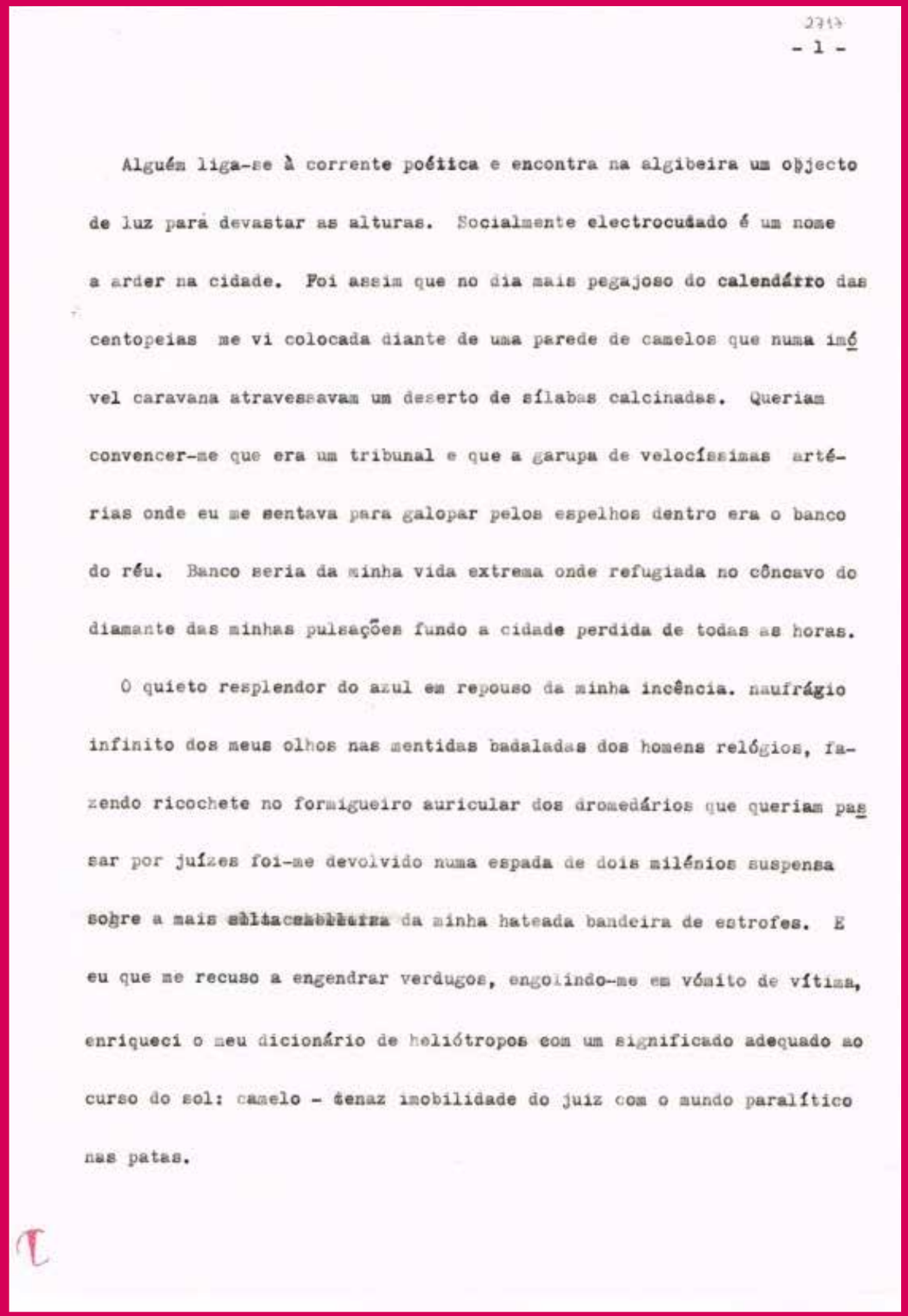
Da forte relação que uniu Natália ao primo são testemunho excertos do seu diário *Não percas a Rosa* e um poema intitulado *José António*, publicado em 1972 no seu livro de poemas *A Mosca Iluminada.*


2717

A MOSCA

ILUMINADA

15 - A Mosca Iluminada, ant. 1972, dat.
BPARPD/NC - 2717


2717

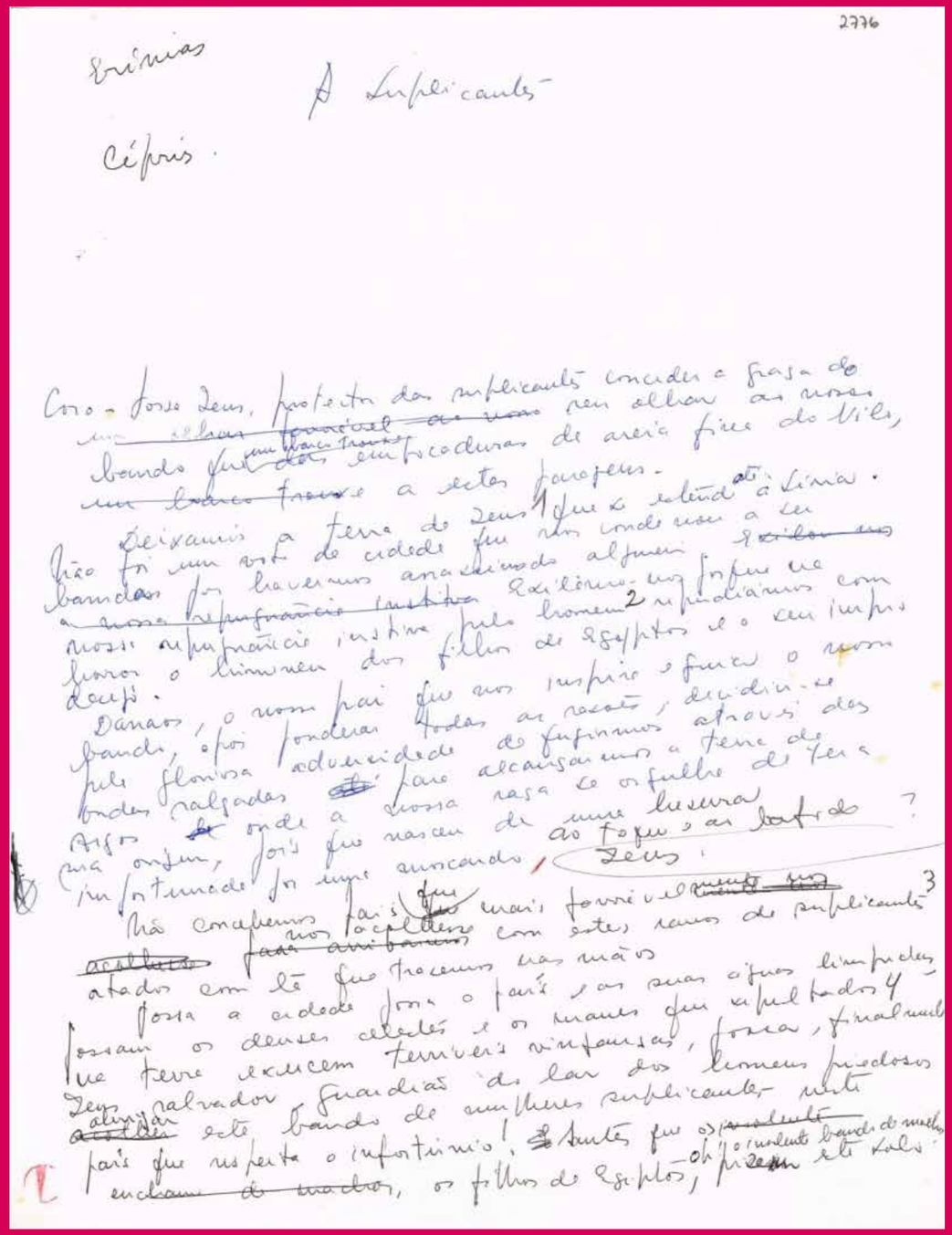
- 1 -

Alguém liga-se à corrente poética e encontra na algibeira um objecto de luz para devastar as alturas. Socialmente electrocutado é um nome a arder na cidade. Foi assim que no dia mais pegajoso do calendário das centopeias me vi colocada diante de uma parede de camelos que numa imó vel caravana atravessavam um deserto de sílabas calcinadas. Queriam convencer-me que era um tribunal e que a garupa de velocíssimas artérias onde eu me sentava para galopar pelos espelhos dentro era o banco do réu. Banco seria da minha vida extrema onde refugiada no côncavo do diamante das minhas pulsações fundo a cidade perdida de todas as horas.

O quieto resplendor do azul em repouso da minha incência. naufrágio infinito dos meus olhos nas mentidas badaladas dos homens relógios, fazendo ricochete no formigueiro auricular dos dromedários que queriam passar por juízes foi-me devolvido numa espada de dois milénios suspensa sobre a mais ~~alta~~ cabeleira da minha hateada bandeira de estrofes. E eu que me recuso a engendrar verdugos, engolindo-me em vómito de vítima, enriqueci o meu dicionário de heliótropos com um significado adequado ao curso do sol: camelo - tenaz imobilidade do juiz com o mundo paralítico nas patas.

Com efeito, Natália Correia, que se assume antes de mais como poeta e depois como escritora, a única carreira que considera ter tido, transmite pela escrita as experiências que vivencia. As amorosas que a ligam a José António, a Alfredo Machado ou a Dórdio Guimarães, as de amizade em escritos, sobretudo poemas, que dedica a amigos, e as do seu percurso e pensamento político por meio de uma crítica social acutilante que, com frequência, se encontra na sua obra.

É o caso do teatro nataliano. O gosto da autora pelo género é visível na extensa lista de peças de teatro por si traduzidas de que fazem parte, por exemplo, Peter Ustinov, René de Obaldia, Lope de Veja ou os gregos Ésquilo e Eurípedes. Aliás, o recurso à tragédia grega, assim como ao auto vicentino, ao teatro histórico, à sátira política e à fábula surrealista são uma constante nos seus escritos para questionar mitos e comportamentos sociais.


2776

Eurínias

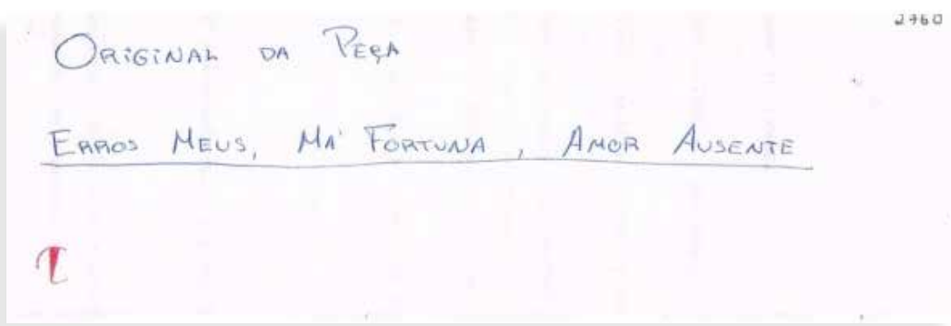
As Suplicantes

Cíprios.

16 - [**Tradução de Natália Correia do texto de Ésquilo *As Suplicantes***], ant. 1993, ms., fl.1. BPARPD/NC - 2776.

Natália Correia redige uma extensa obra dramatúrgica que, em alguns casos, permanece inédita, aparentemente por vontade da autora, ou teve edição póstuma. Outras foram editadas em vida, mas encontraram grandes dificuldades. É o que acontece com a peça em três atos *Erros meus, má fortuna, amor ardente.* Escrita em 1981 a pedido do Teatro Nacional D. Maria II, para celebrar condignamente o quarto centenário da morte de Luís de Camões, a obra não chega a ser levada a cena por oposição da Secretaria da Cultura. Editada no ano seguinte, só em 1988 virá a estrear nos palcos. Numa composição em que o lendário, o lírico e o épico, centrando-se nos amores de Luís de Camões, são apresentados em estilo de ópera falada, a autora recupera, de certo modo, a peça de teatro musicada da cantata cénica *O Romance de D. Garcia* (1969), com música de Joly Braga Santos, e do libreto operático *Em nome da Paz* (1973), com música de Álvaro Cassuto.

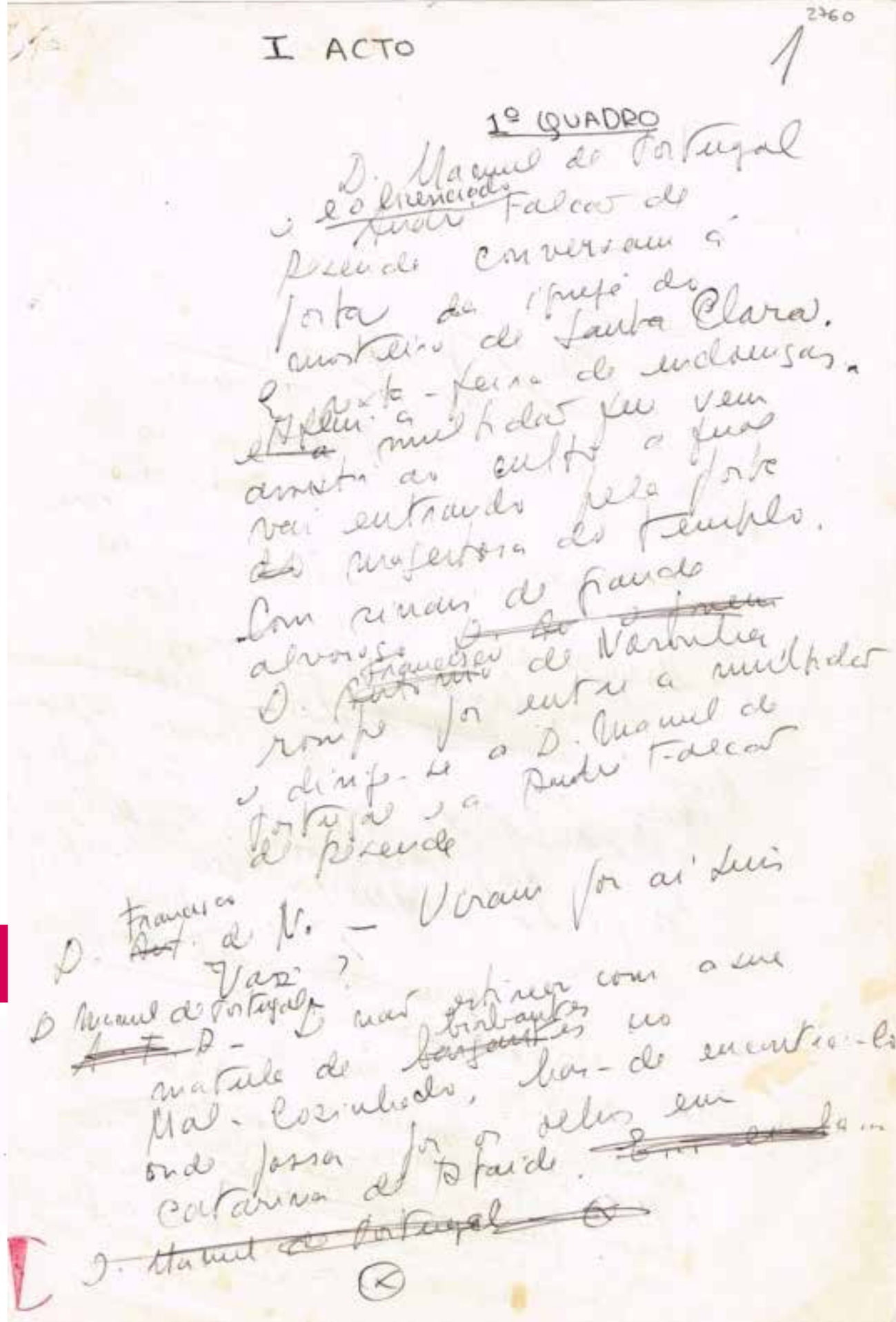
17- **"Erros meus, má fortuna, amor ardente"**, ant. 1980, ms., fl.1
BPARPD/NC - 2760


2760

ORIGINAL DA PEÇA

ERROS MEUS, MÁ FORTUNA, AMOR AUSENTE

I


2760

I ACTO

1

1º QUADRO

D. Manuel de Portugal e o licenciado Falcão de Resende conversam à porta da igreja de Santa Clara, em Santarém, a quarta-feira de endoenças. Nela vem muitas gentes ver entrar as freiras do mosteiro.

Com grande alvoroço [illegible] de Vasconcelos de Barbuda rompe por entre a multidão e diz-lhe o D. Manuel de Portugal

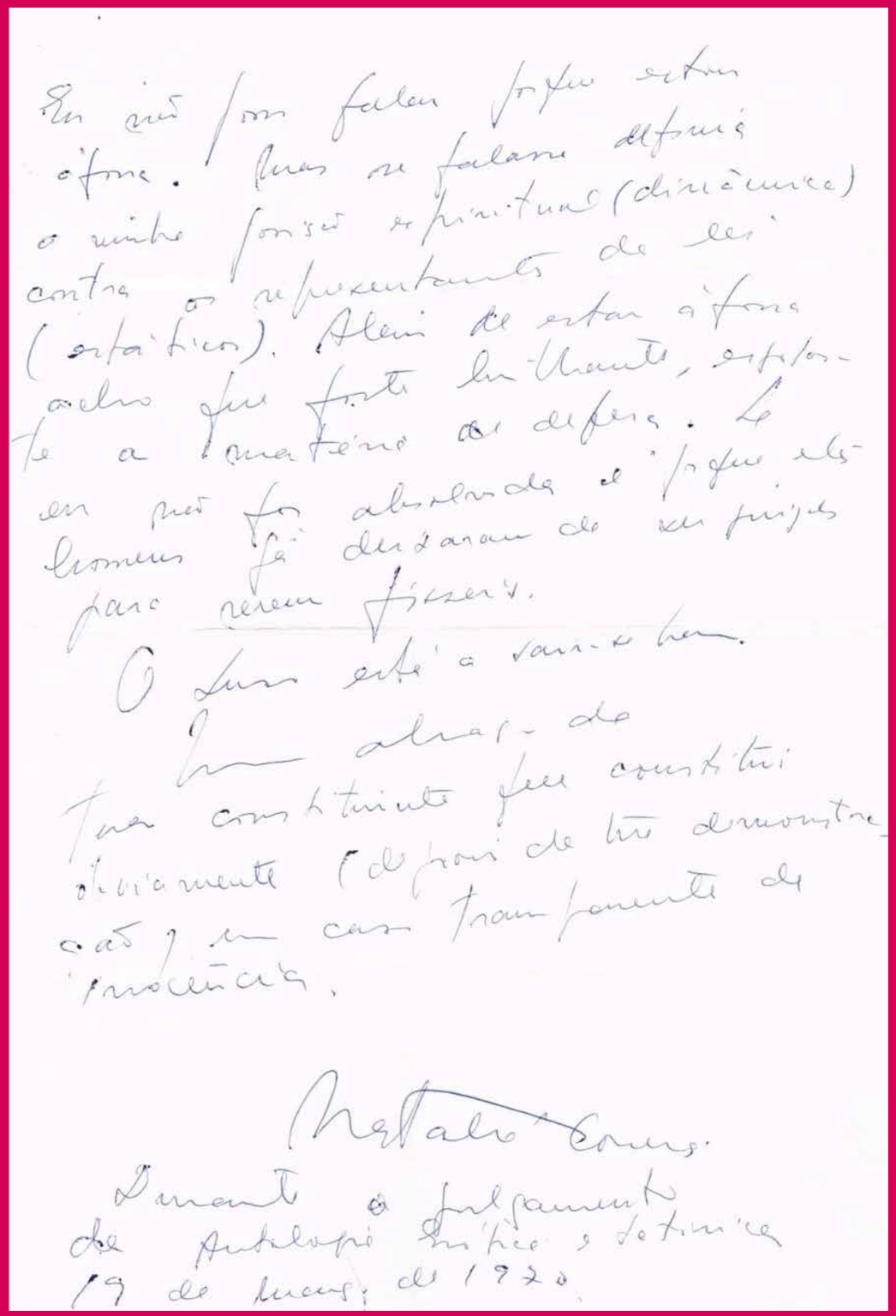
D. Francisco de M. — Vedes vós aí Luís Vaz?

D. Manuel de Portugal — Vejo-o mui perto com a sua mantilha de burgalês no mal-cozinhado, bem-de encontrá-lo onde possa colocar-se D. Faide.

D. Manuel de Portugal

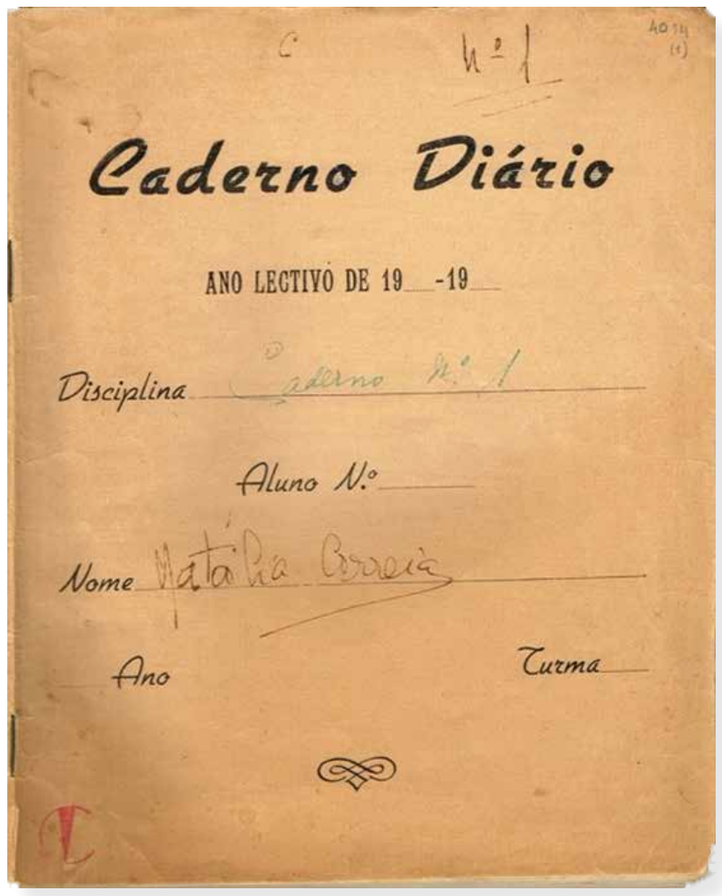
Os casos de silenciamento cénico e editorial à crítica social do teatro nataliano são frequentes, sobretudo no período anterior ao 25 de abril. São disso exemplo *O Homúnculo* (1965), uma tragédia jocosa que ironiza António Salazar, *A Pécora* (1963) parábola motivada pelo fenómeno das aparições de Fátima, *O Encoberto* (1969) que recupera o mito messiânico do rei D. Sebastião ou o processo inquisitorial narrado em o *Auto da feiticeira Cotovia*, publicado em *Comunicação* (1959). É talvez neste texto, sobre o julgamento pela Inquisição de uma mulher acusada da prática de uma estranha e perigosa magia chamada poesia, que a denúncia da ditadura fascista é mais feroz.

Numa projeção autoral, Natália Correia manifesta em o *Auto da feiticeira Cotovia* a sua censura contra o silêncio inquisitorial que sentiu na pele como autora de uma considerável lista de livros apreendidos e censurados. Desta fazem parte títulos da sua obra poética e de ficção, mas o mais famoso é provavelmente o processo judicial, de que resulta a exteriorização da sua revolta sob a forma do poema *A defesa do Poeta*, e a condenação de Natália Correia a três anos de prisão, com pena suspensa, pela publicação da *Antologia da Poesia Portuguesa Erótica e Satírica* (1966), considerada ofensiva dos bons costumes.



18 - **Declaração de Natália Correia durante o julgamento da *"Antologia da Poesia Portuguesa Erótica e Satírica"***, 1970, ms., fl.1
BPARPD/NC - 22.495

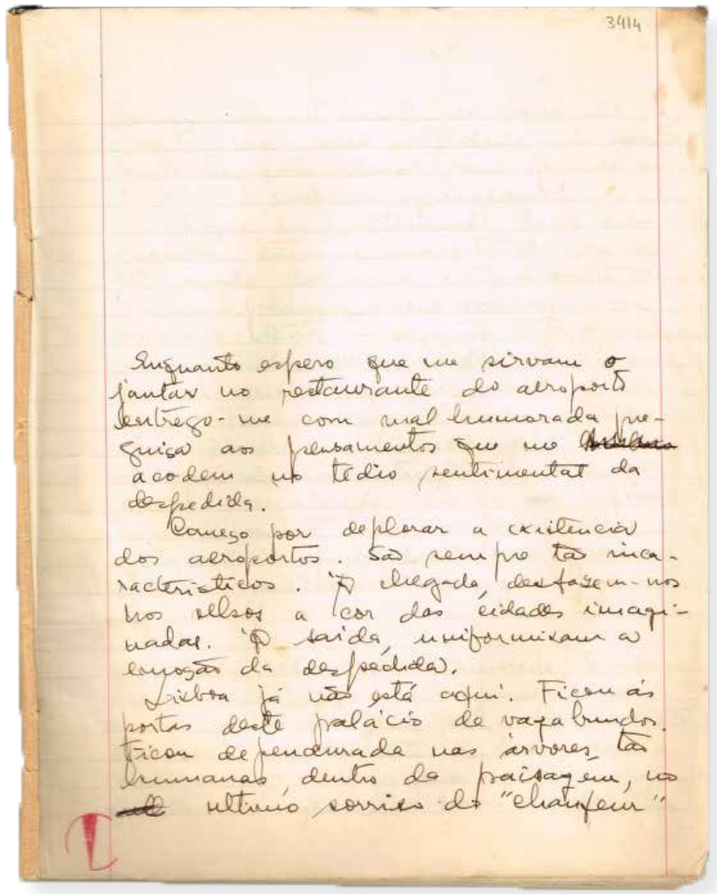
É de novo processada em 1972 pela responsabilidade editorial das *Novas Cartas Portuguesas* de Maria Isabel Barreno, Maria Velho da Costa e Maria Teresa Horta. Tanto um caso como o outro mostram o gosto de Natália Correia pela edição de antologias, em que se podem também destacar as suas compilações da poesia barroca e surrealista, bem como os seus estudos e versões sobre a lírica medieval portuguesa. Em termos de afinidade, este género não está longe do ensaio em que a autora tem também obra publicada. No início de carreira, em consequência da viagem que realiza com o seu segundo marido aos Estados Unidos da América, Natália redige *Descobri que era europeia. Impressões de uma viagem à América* (1951), publicando



19 - **Primeiro caderno de "Descobri que era europeia"**, 1950, ms. BPARPD/NC - 4014

posteriormente outros ensaios, sobre a questão académica de 1907, o seu ideário iberista ou a tirania que considera poder ser exercida pelas crianças.

De um modo geral, os seus ensaios apresentam uma visão pessoal sobre a realidade que a rodeia, de que é exemplificativo o seu discurso em *Não percas a rosa – diário e algo mais* (1978), no qual transmite, passada a euforia do 25 de abril, uma reflexão profunda sobre os caminhos e descaminhos da revolução.



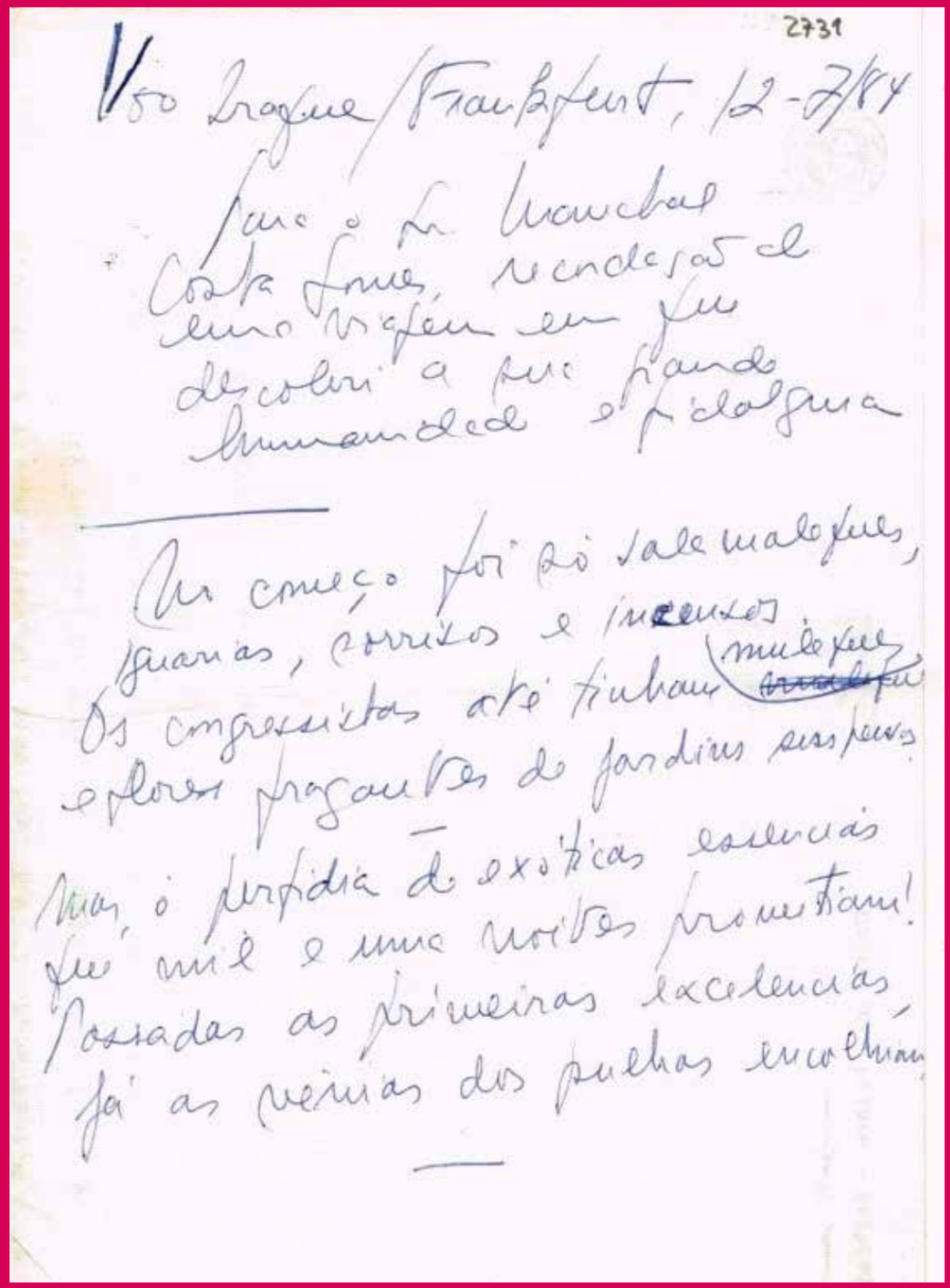
20 - **"Descobri que era europeia"**, 1950, ms. BPARPD/NC - 3414

Os romances estão de igual modo presentes na obra nataliana. São aliás estes, que marcam o início da sua carreira de escritora, com a publicação, em 1945, de *Aventuras de um pequeno Herói* e, no ano seguinte, de *Anoiteceu no bairro* (1946). É preciso depois esperar por 1968 para que Natália regresse à prosa com a defesa e o elogio da imagem feminina no seu romance *A Madona.* Publica ainda dois livros de contos, *A Ilha Circe* (1983) e *Onde está o menino Jesus?* (1987), para finalizar a obra de ficção, em 1990, com a publicação de *As Núpcias* onde aborda os temas do sagrado, do profano e do incesto. Mas, como tantas vezes salienta, o que mais motiva Natália Correia é fazer poesia e é nesta que mais revela as suas experiências.

Já no ocaso da vida em, 1992-1993, Natália Correia reúne, com a ajuda de João Rubus, toda a sua obra poética num último trabalho literário, a que acrescenta vários inéditos que intitula *O sol nas noites e o luar nos dias* (1993), cujo lançamento se realiza ainda em 1993, pouco após a sua morte. Organizado cronologicamente, a colectânea inicia com o primeiro livro de poemas de Natália, *Rio das Nuvens* (1947) detendo-se depois na voz surrealista, predominante no período de 1957 a 1959, dos livros *Dimensão Encontrada* (1957), *Passaporte* (1958) e *Comunicação* (1958), de que não é indissociável o brado político, o qual sendo evidente no último título referido, veio a acentuar-se em *Cântico do País Emerso* (1961) e *Mátria* (1968), três obras apreendidas pela censura.

É também político mas, de igual forma, de crítica social, o livro *Epístola aos Iamitas* (1978), onde a autora apresenta algumas reflexões entusiásticas e outras corrosivas e de desilusão, sobre o Portugal do pós 25 de abril. Reflexões sociais, mas neste caso sobre a Europa, encontram-se ainda presentes em *O Anjo do ocidente à Entrada do Ferro* (1973).

Nos seus escritos poéticos mais recentes, publicados a partir de finais da década de setenta, o tema do amor torna-se recorrente. Apenas nos escritos satíricos e jocosos desta fase, que relatam episódios da sua experiência parlamentar, na sua maioria inéditos até à edição da colectânea *O Sol nas noites e o luar nos dias*, o romantismo cede lugar à paródia dirigida a personalidades concretas, como o *Cancioneiro Marcelino*, dedicado a Marcelo Rebelo de Sousa, e em particular à sua candidatura à Câmara Municipal de Lisboa, ou a episódios ocorridos no parlamento que servem de tema às *Cantigas de Risadilha.*


2731

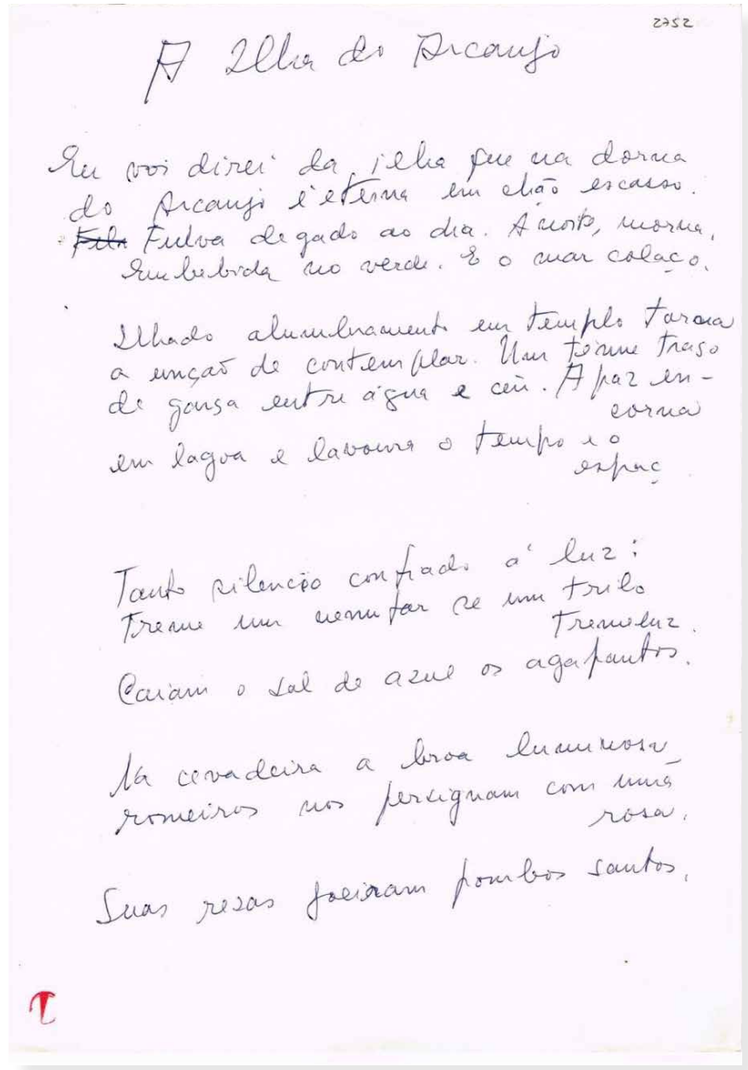
21 - **[Texto satírico dedicado ao *marechal Costa Gomes*]**, 1984, ms.
BPARPD/NC 2731

O tema do amor em Natália Correia manifesta-se antes de mais no amor à ilha onde nasceu e a quem afirma pertencer. Tópico transversal a toda a sua obra evidencia-se na antologia poética a *Ilha de São Nunca* (1982), sobre a Ilha Antilha e as Sete Cidades, e sobretudo em *O Dilúvio e a Pomba* (1979) que é, segundo a própria escritora, dos seus livros de poemas, o mais ligado a S. Miguel. Em outras obras, como *O Armistício* (1985) e *Sonetos Românticos* (1990), o culto do amor torna-se universal, amor à liberdade, ao espírito e à escrita, um pouco ao modo dos trovadores medievais, género que recupera nas suas Cantigas de amigo, editadas pela primeira vez na colectânea de poesia.



22 - **Natália Correia em S. Miguel**, 1987. BPARPD/NC 02-6.

Em síntese, a obra de Natália Correia é composta por poesia, mas também por prefácios, ensaios, crónicas, traduções, debates, romances, peças de teatro, e até por pintura, revelando a autobiografia de uma mulher singular, que soube estar em pleno na vida, revelando-se uma das mais fecundas intérpretes do romantismo. (4)



A Ilha do Arcanjo

2752

Eu vos direi da ilha que na dorna
do Arcanjo é eterna em chão escasso.
~~Esta~~ Fulva de gado ao dia. A rocha, morna,
Sumbaba no verde. E o mar colaço.

Olhado alumbramento em templo farsa
a ançã de contemplar. Um ferme traço
de gansa entre água e céu. A paz en-
torna
em lagoa e lavoura o tempo e o
espaço

Tanto silêncio confrade a luz:
Treme um remanso de um trilo
Tremeluz.
Caiam o sol de azul os agapantos.

Na cevadeira a broa luminosa
romeiros nos persignam com uma
rosa.

Suas rosas foeiram pombos santos.

23 - **Poema "A Ilha do Arcanjo" Publicado em "O dilúvio e a Pomba"**, ant. 1979, ms. BPARPD/NC - 2752

(4) PIMENTEL, F. J. Vieira - *A mão que se move no escuro: 3 poetas dos Açores: Natália Correia, Armando Côrtes-Rodrigues, Pedro da Silveira.* Angra do Heroísmo: Direção Regional da Cultura, 2010.

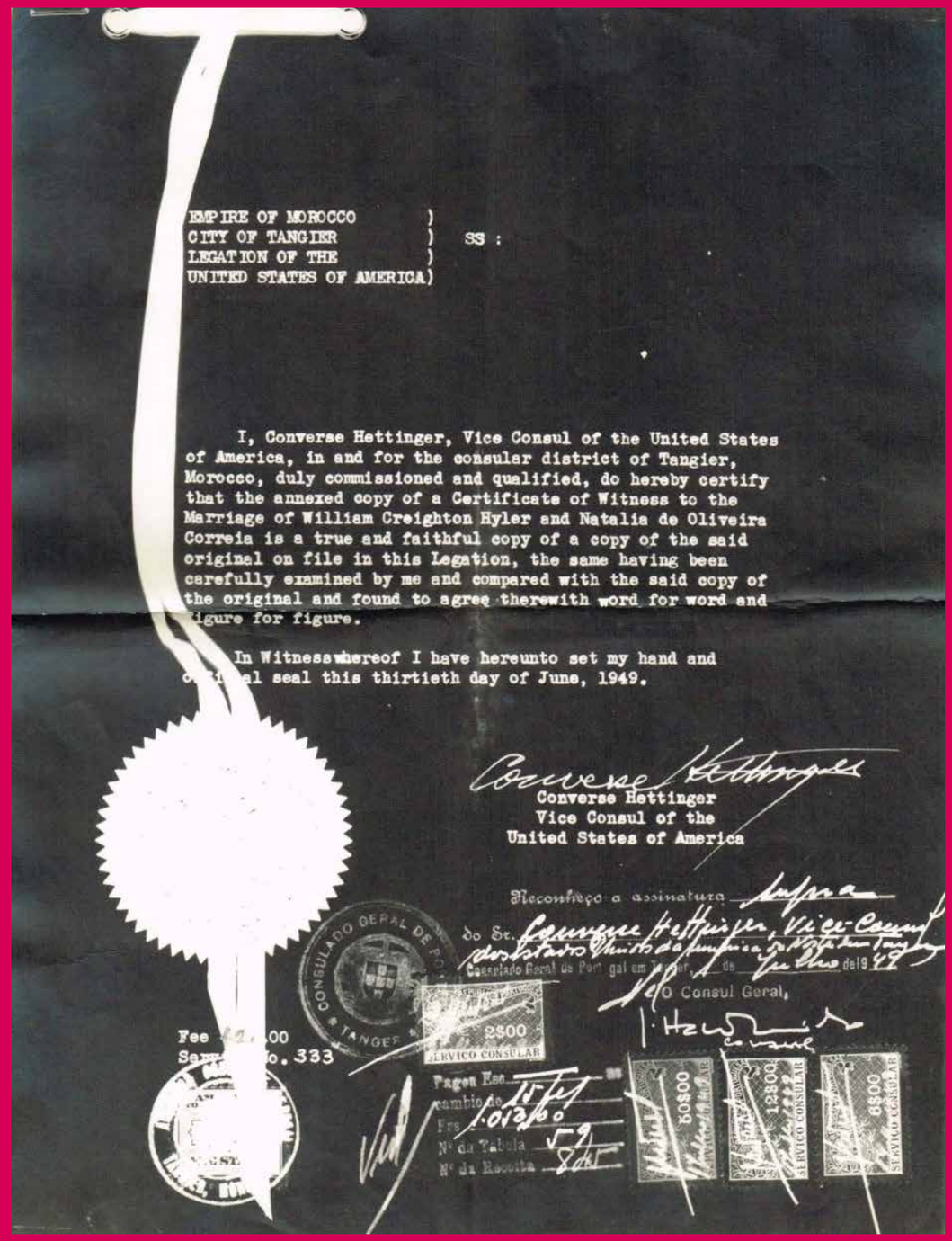
02

CONTEÚDOS DOS ARQUIVOS

Os documentos apresentados ao longo do texto sobre a vida e obra de Natália Correia, retirados do seu arquivo pessoal e do de Dórdio Guimarães, são relevantes para a forma como estes testemunham a multiplicidade dos campos de actuação da escritora micaelense. Encontram-se, no entanto, temáticas e períodos cronológicos cuja expressividade em volume e relevância é nitidamente superior a outras.

Nos arquivos pessoais existe, normalmente, uma discrepância na distribuição documental, seja por assuntos, períodos e mesmo tipologias. Isto deve-se aos documentos serem resultado de um processo de acumulação, sujeito a uma selecção de documentos feita segundo critérios subjetivos do seu titular, ou de outros agentes que possam interferir na organização ou reordenamento das massas acumuladas. Por outro lado, são também afectados por perdas acidentais ou processos de expurgo, voluntários ou não, de determinados períodos de actuação ou de certas dimensões da vida do titular.

Por exemplo, no arquivo de Natália Correia é perceptível a reduzida relevância dos testemunhos da sua vida amorosa, o que sugere uma intenção de elidir esta faceta mais pessoal da sua vivência, sendo disso ilustrativo as revelações de Branca Miranda Rodrigues, amiga pessoal de Natália Correia, após a sua morte, ao lembrar o cuidado da amiga em destruir as cartas que o seu primo José António lhe envia do Ultramar. O mesmo acontece em relação a Álvaro dos Santos Dias Pereira ou com William Creighton Hylen. À exceção de duas provas fotográficas da jovem Natália com dedicatória para o primeiro, da reportagem fotográfica da lua-de--mel em Tânger e de algumas provas legendadas pelo segundo, são praticamente inexistentes os testemunhos da passagem destes dois homens pela vida de Natália Correia.


EMPIRE OF MOROCCO)
CITY OF TANGIER) SS :
LEGATION OF THE)
UNITED STATES OF AMERICA)

I, Converse Hettinger, Vice Consul of the United States of America, in and for the consular district of Tangier, Morocco, duly commissioned and qualified, do hereby certify that the annexed copy of a Certificate of Witness to the Marriage of William Creighton Hyler and Natalia de Oliveira Correia is a true and faithful copy of a copy of the said original on file in this Legation, the same having been carefully examined by me and compared with the said copy of the original and found to agree therewith word for word and figure for figure.

In Witnesswhereof I have hereunto set my hand and official seal this thirtieth day of June, 1949.

Converse Hettinger
Converse Hettinger
Vice Consul of the
United States of America

Reconheço a assinatura
do Sr.
Vice-Cônsul
Consulado Geral de Portugal em
O Cônsul Geral,

CONSULADO GERAL DE PORTUGAL TANGER

Fee
No. 333

2$00 SERVIÇO CONSULAR

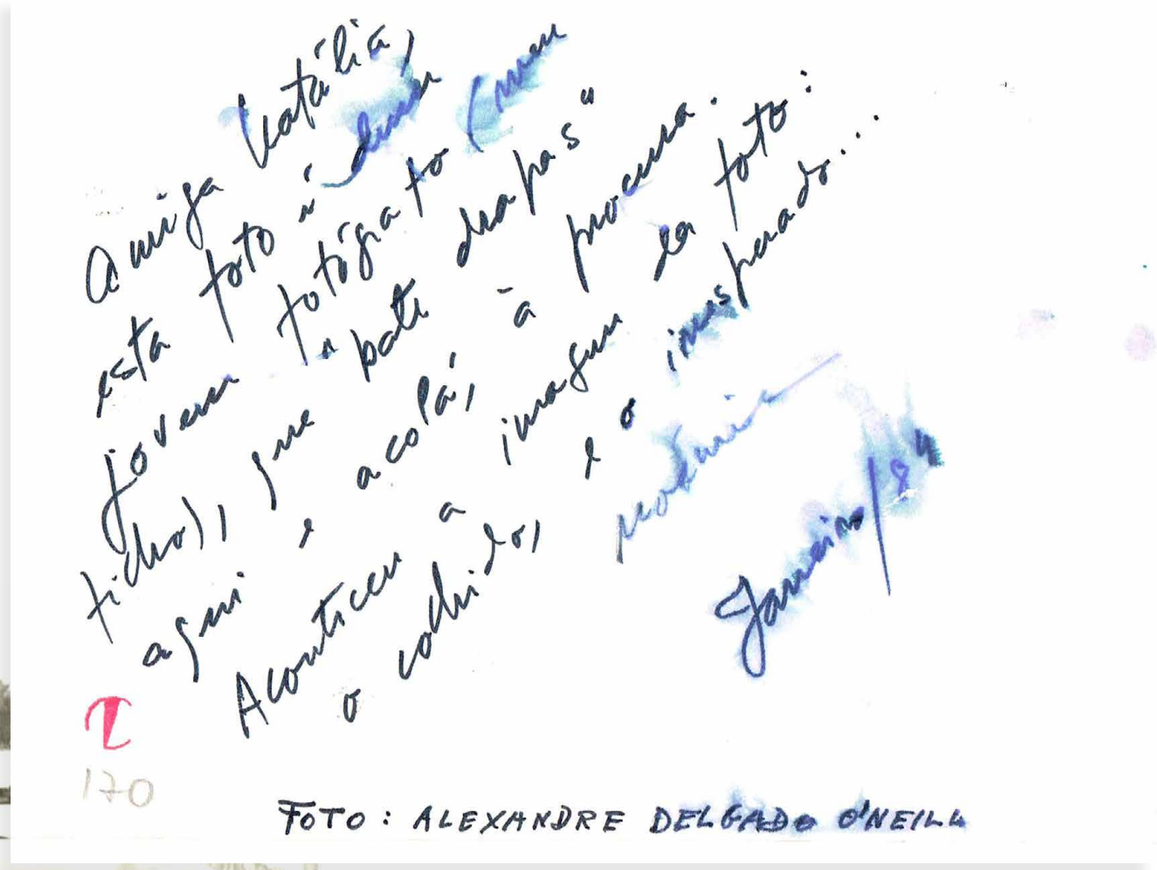
Pagou Esc.
cambio de
Frs.
Nº da Tabula
Nº da Receita

50$00 SERVIÇO CONSULAR
12$00 SERVIÇO CONSULAR
6$00 SERVIÇO CONSULAR

24 - **[Certificado de casamento de Natália Correia com William Creighton Hyler]**, Tânger 1949, dat.
BPARPD/NC - 9633

Mesmo em relação a Alfredo Machado ou Dórdio Guimarães, cuja presença na vida de Natália foi duradoura, os documentos de teor pessoal são pouco expressivos. Se no caso do segundo ainda se encontram alguns poemas e cartas pessoais, embora em número menos significativo de que o volume documental relativo à escritora micaelense no arquivo do cineasta, no caso de Alfredo Machado os documentos existentes resumem-se a alguma correspondência, atestados, declarações, facturas e cartões de identificação reunidos, na sua maioria, numa única unidade documental.

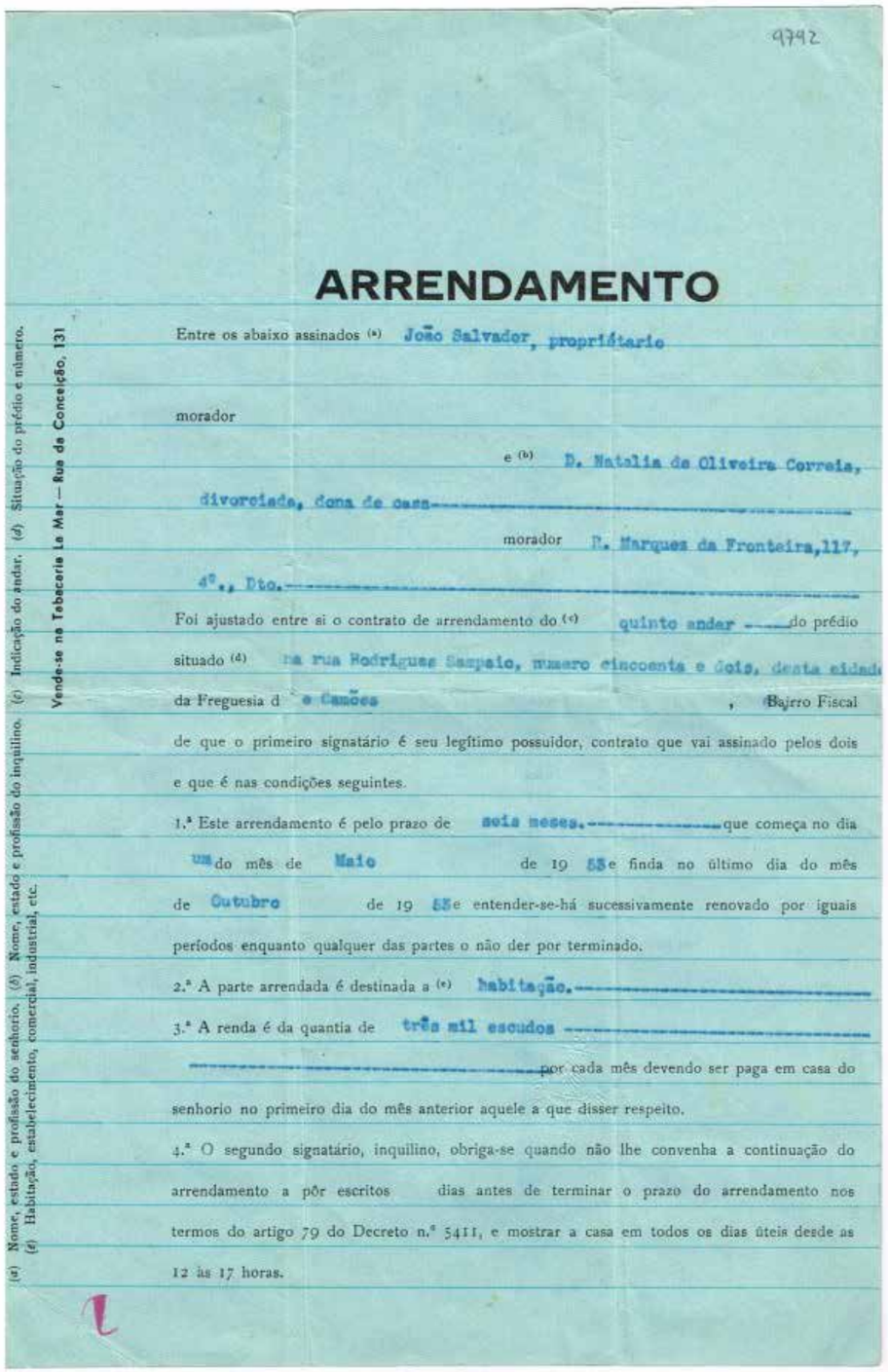




25 - **Alfredo Machado**, 19--
BPARPD/NC NC_01-161 / NC_01-161v.

É, de facto, um conjunto reduzido atendendo aos quase quarenta anos de vida em comum do casal, quase todos passados na Rua Rodrigues Sampaio, onde fixam residência logo em 1952 e que se torna no seu lar até final da vida.

26 - **[Contrato de arrendamento do andar habitado por Natália Correia na Rua Rodrigues Sampaio]**, 1953, dat. BPARPD/NC - 9792



9792

Vende-se na Tabacaria Le Mar — Rua da Conceição, 131

(a) Nome, estado e profissão do senhorio. (b) Nome, estado e profissão do inquilino. (c) Indicação do andar. (d) Situação do prédio e número. (e) Habitação, estabelecimento, comercial, industrial, etc.

ARRENDAMENTO

Entre os abaixo assinados (b) João Salvador, proprietario

morador

e (b) D. Natalia de Oliveira Correia,

divorciada, dona de casa

morador D. Marques da Fronteira,117,

4º., Dto.

Foi ajustado entre si o contrato de arrendamento do (c) quinto andar do prédio situado (d) na rua Rodrigues Sampaio, numero cincoenta e dois, desta cidade da Freguesia d e Camões , Bairro Fiscal de que o primeiro signatário é seu legítimo possuidor, contrato que vai assinado pelos dois e que é nas condições seguintes.

1.ª Este arrendamento é pelo prazo de seis meses. que começa no dia um do mês de Maio de 19 53 e finda no último dia do mês de Outubro de 19 53 e entender-se-há sucessivamente renovado por iguais períodos enquanto qualquer das partes o não der por terminado.

2.ª A parte arrendada é destinada a (e) habitação.

3.ª A renda é da quantia de três mil escudos por cada mês devendo ser paga em casa do senhorio no primeiro dia do mês anterior aquele a que disser respeito.

4.ª O segundo signatário, inquilino, obriga-se quando não lhe convenha a continuação do arrendamento a pôr escritos dias antes de terminar o prazo do arrendamento nos termos do artigo 79 do Decreto n.º 5411, e mostrar a casa em todos os dias úteis desde as 12 às 17 horas.

1

5.ª O inquilino não poderá sublocar a casa sem autorização por escrito do senhorio. Em tudo o mais não previsto neste contrato regularão as disposições legais em vigor sendo feito em triplicado e assinado por ambos, sendo o exemplar selado destinado ao Secretário das Finanças.

6º.- A inquilina fica desde já autorizada a mandar instalar junto á parede do ultimo salão que confina com o oul um fogão de sala, desde que sejam rigorosamente observadas as devidas condições de segurança e estética. A referida instalação ficará sendo pertença do prédio arrendado.

Lisboa, 2 de Abril de 19 53

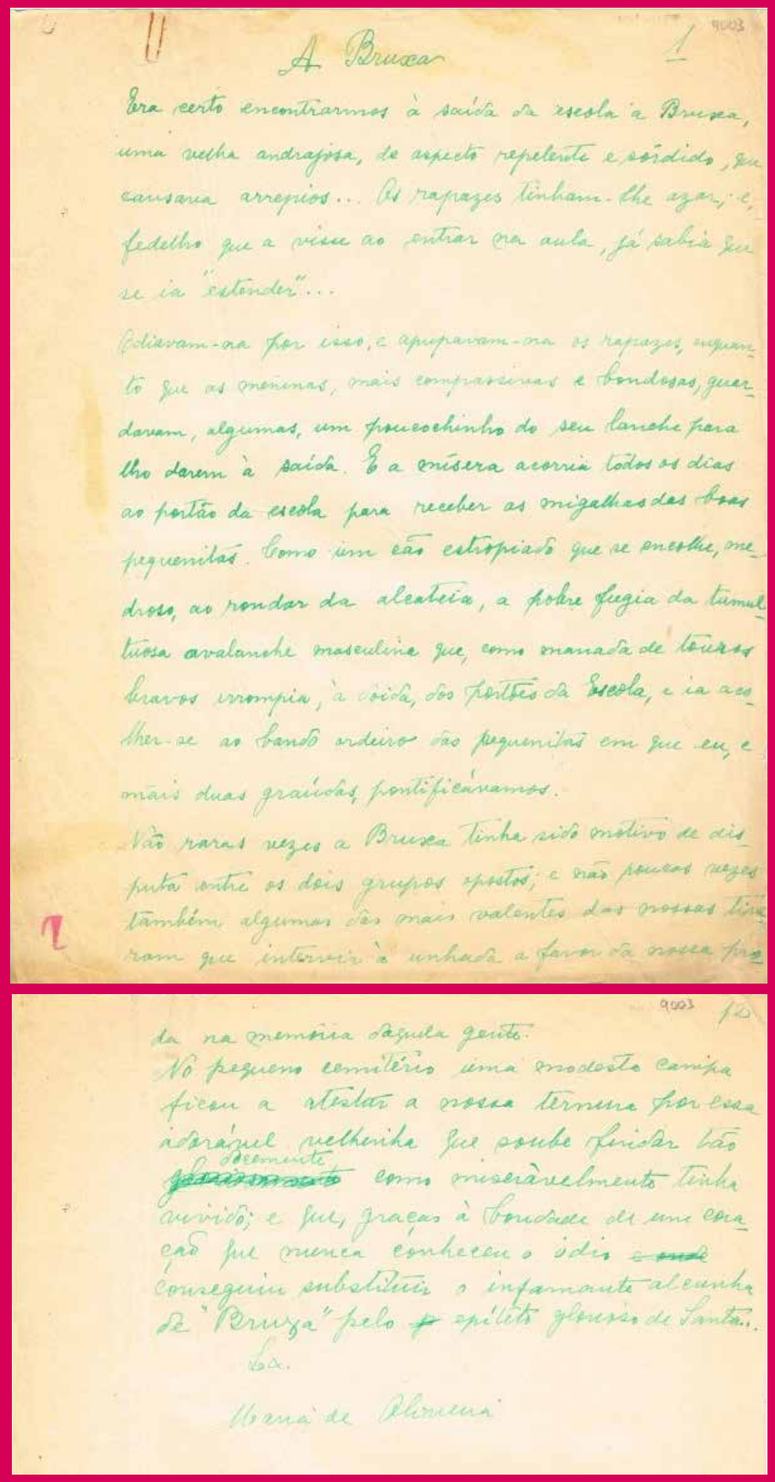
Senhorio: João Salvador

Inquilino: Natália de Oliveira Correia

Como fiadora do bom cumprimento deste contracto por parte da inquilina fica sendo a firma "Lage Machado & Cª., Lda".

Lisbôa, 2 de Abril de 1953.

Por conseguinte, a ausência destes registos não pode ser justificada apenas por perdas ocasionais derivadas, nomeadamente, da mudança frequente de residência, possível na fase mais recuada da vida da escritora, quando, na companhia da mãe e da irmã, muda várias vezes de casa, o que pode ter contribuído para a escassez de documentos deste período no arquivo. Efectivamente, embora muitos dos documentos não estejam datados, os que seguramente remetem para a fase mais jovem da escritora não são numerosos, resumindo-se a provas fotográficas de Natália, criança e adolescente, e algumas, bastante antigas, de antepassados, que herda provavelmente da mãe quando esta emigra para o Brasil. Deste núcleo fazem parte correspondência e alguns manuscritos de Maria José de Oliveira, como o conto a *Bruxa* ou a peça radiofónica *O Difamador*.


A Bruxa

Era certo encontrarmos à saída da escola a Bruxa, uma velha andrajosa, de aspecto repelente e sórdido, que causava arrepios... Os rapazes tinham-lhe azo, e, fedelho que a visse ao entrar na aula, já sabia que se ia "estender"...

Odiavam-na por isso, e apupavam-na os rapazes, enquanto as meninas, mais comparsinas e bondosas, guardavam, algumas, um pouquinho do seu lanche para lho darem à saída. E a mísera acorria todos os dias ao portão da escola para receber as migalhas das boas pequenitas. Como um cão estropiado que se encolhe, medroso, ao rondar da aleatória, a pobre fugia da tumultuosa avalanche masculina que, como manada de touros bravos irrompia, à saída, dos portões da Escola, e ia acolher-se ao bando ordeiro das pequenitas em que eu e mais duas graúdas pontificávamos.

Não raras vezes a Bruxa tinha sido motivo de disputa entre os dois grupos opostos; e não poucas vezes também algumas das mais valentes das nossas tiveram que intervir à unhada a favor da nossa protegida na memória daquela gente.

No pequeno cemitério uma modesta campa ficou a ostentar a nossa ternura por essa idosa azinhaga velhinha que soube sofrer tão silenciosamente como miseràvelmente tinha vivido; e que, graças à bondade de um coração que nunca conheceu o ódio conseguiu substituir o infamante alcunha de "Bruxa" pelo epíteto glorioso de Santa...

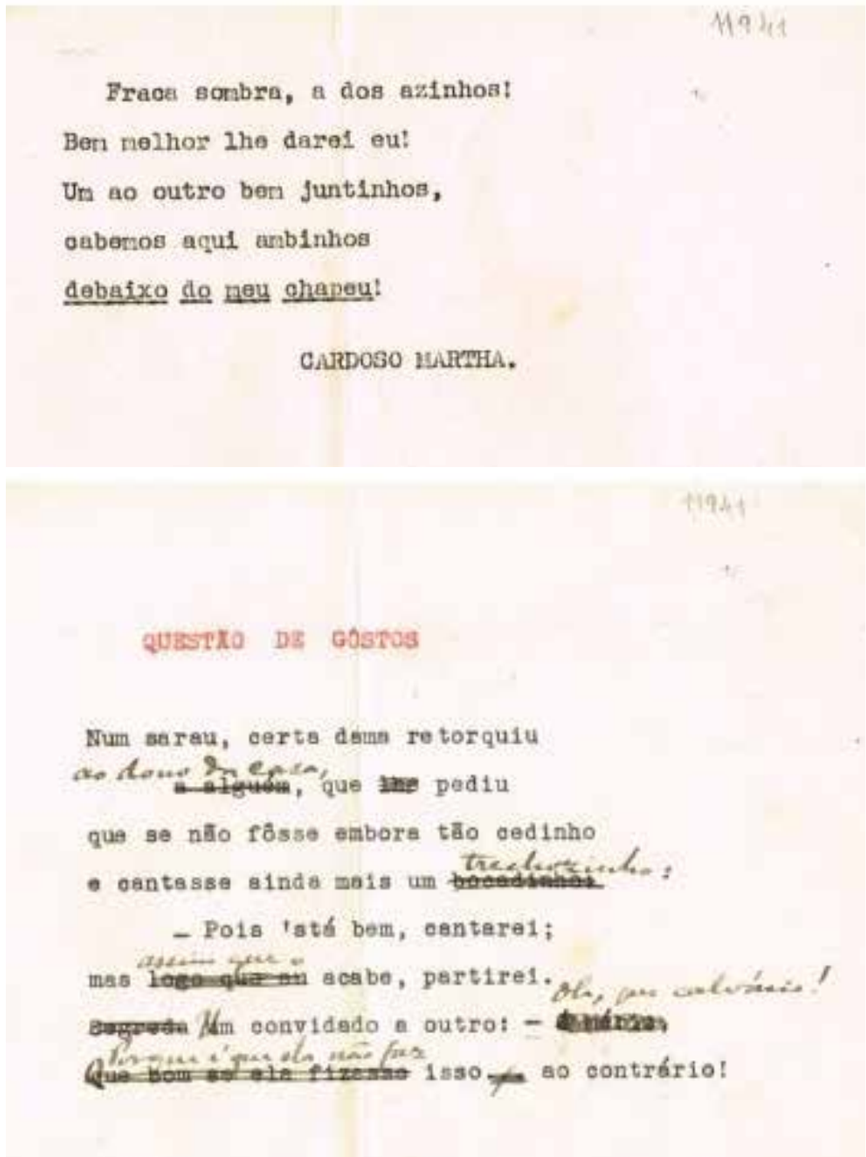
Maria de Oliveira

27 - **[Página inicial e final de conto de Maria José de Oliveira "A Bruxa"]**, ant. 1956, ms.
BPARPD/NC - 9003

A permanência destes documentos no arquivo exprime uma intencionalidade de guarda de papéis a que Natália certamente atribuía valor sentimental, o mesmo se verificando com Dórdio Guimarães em relação aos manuscritos de seu pai, Manuel de Guimarães ou do avô, Fernando Guimarães.

De igual forma, Natália preserva o espólio de Manuel Cardoso Marta, que herda à morte deste por estar depositado em sua casa, a última residência do bibliófilo, de que faz parte uma extensa biblioteca, onde se encontram autênticas raridades e escritos do autor. Contam-se entre estes, artigos publicados na imprensa, correspondência, provas fotográficas, em que sobressai a reportagem da *Exposição do Mundo Português*, em 1940, de que foi um dos colaboradores, bem como compilações e textos que permanecem inéditos. *O Purgatório dos poetas* que serviu de inspiração, sendo largamente utilizado, em *Antologia de poesia portuguesa erótica e satírica: dos cancioneiros medievais à actualidade* é apenas um exemplo, entre outros, de sonetos, quadras populares ou versos compilados ou redigidos por Cardoso Marta. Documentos que, na sua maioria, estão datados entre 1910 e 1958.





Fraca sombra, a dos azinhos!
Bem melhor lhe darei eu!
Um ao outro bem juntinhos,
cabemos aqui ambinhos
debaixo do meu chapeu!

CARDOSO MARTHA.

QUESTÃO DE GÔSTOS

Num sarau, certa dama retorquiu
ao dono da casa, ~~a alguém~~, que ~~lhe~~ pediu
que se não fôsse embora tão cedinho
e cantasse ainda mais um ~~bocadinho~~ trechozinho:
— Pois 'stá bem, cantarei;
mas ~~logo que eu~~ assim que o acabe, partirei.
~~Segredo~~ Um convidado a outro: — ~~Quem dera~~,
~~Que bom se ela fizesse~~ porque é que ela não faz isso ao contrário!

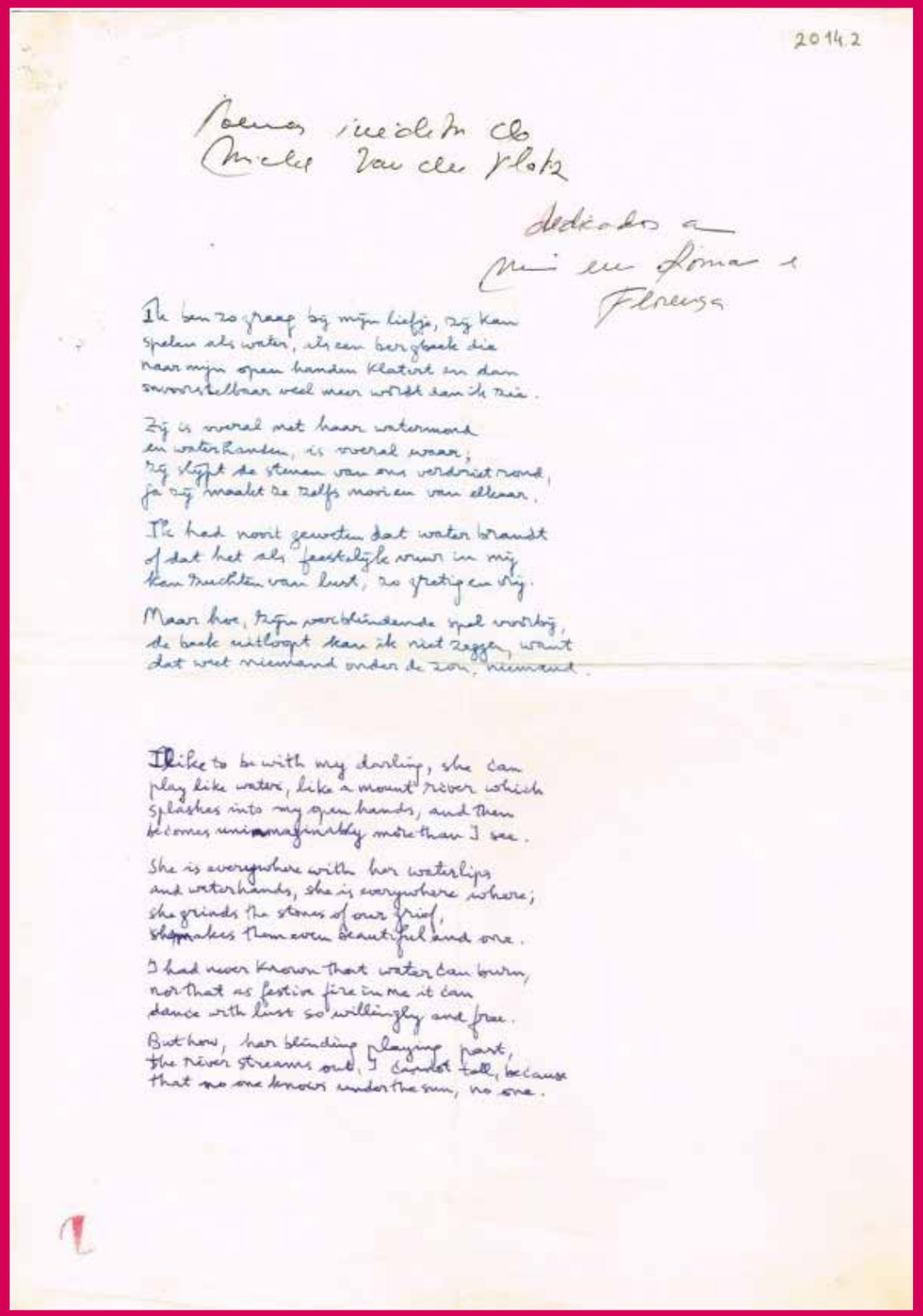
28 - **[Poema de Manuel Cardoso Marta]**, 1926 a 1941, ms. BPARPD/NC - 11.941

É provável que pertençam também ao espólio de Cardoso Marta alguns dos manuscritos mais antigos, actualmente incluídos no arquivo de Natália, pois sabe-se que este, além de um bibliófilo compulsivo, foi também secretário e organizador dos primeiros salões de modernistas onde se reuniam nomes como Almada Negreiros, Jorge Barradas, Bordalo Pinheiro e outros que frequentemente lhe ofereciam livros, quadros ou caricaturas.

Daí que não seja de surpreender a existência, no arquivo, de correspondência de personalidades do século XIX e alguns manuscritos que recuam ao século XVIII. No entanto, algumas destas raridades foram adquiridas pela própria Natália Correia.

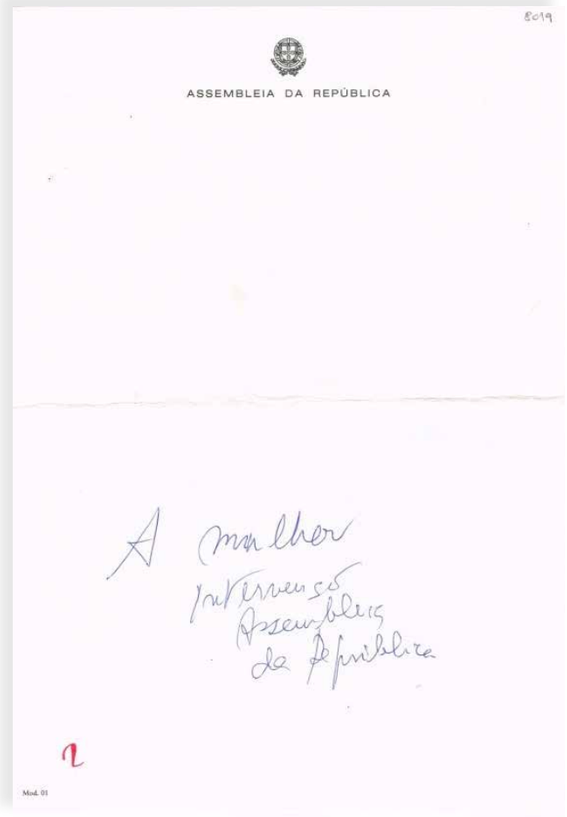
É o caso do manuscrito *Flores Singelas* de Maria Madalena Pinheiro, mãe de Fernando Pessoa, datado de 1898 – 1899, que terá sido comprado pela escritora como o sugere uma carta em que lhe é proposta a venda do escrito, também presente no arquivo. Existem igualmente no arquivo muitos outros trabalhos de terceiros que foram oferecidos, por vezes para serem analisados, criticados ou prefaciados por Natália Correia.

Alguns foram provavelmente apenas deixados, como parece ser o caso da correspondência pessoal e apontamentos da actividade de docência de Maria Helena Morais e Castro, que durante algum tempo viveu com Natália Correia e Alfredo Machado, tal como aconteceu também com Manuel de Lima. Neste caso, encontram-se no arquivo vários manuscritos do autor, datados da década de 50, alguns redigidos em parceria com Natália, como a tradução para português da peça de Peter Ustinov *Romanoff e Julieta*, e as peças *Dois Reis e um sono* e *Sucubina ou a teoria do chapéu,* além de outros textos de sua autoria, por vezes expressamente dedicados a Natália. O mesmo acontece com muitos outros escritos, alguns de autores desconhecidos, como o poema da prostituta Anita, outros de escritores conceituados como Adalberto Alves, Vitorino Nemésio, Michel Van Der Plas, Irving Layton, entre outros, dos quais a escritora conserva poemas, textos, edições, desenhos e mesmo partituras musicais.



29 - **[Poema de Michel Van der Platz dedicado a Natália correia]**, 1962, ms. BPARPD/NC - 2014.2

A presença de manuscritos de terceiros no arquivo de Natália é ainda assinalada por uma extensa correspondência a ela dirigida por intelectuais, amigos ou familiares de que por vezes se encontra a resposta dada pela escritora, no rascunho das cartas a enviar. São, nestes casos, frequentes as minutas de cartas enviadas a particulares, mas também as que a titular redige no desempenho das múltiplas atividades que exerceu, nomeadamente no exercício dos cargos públicos, a partir de 1975. O desempenho de funções públicas traduz-se numa concentração de documentos, seja em dossiês criados na Secretaria de Estado da Cultura, em que Natália dá parecer para Assuntos Culturais, seja nos discursos redigidos para intervenções parlamentares ou proferidos em representações oficiais. Por outro lado, servem de inspiração a muitas das suas obras, tanto de poesia como de prosa, cujos originais se encontram maioritariamente no arquivo.

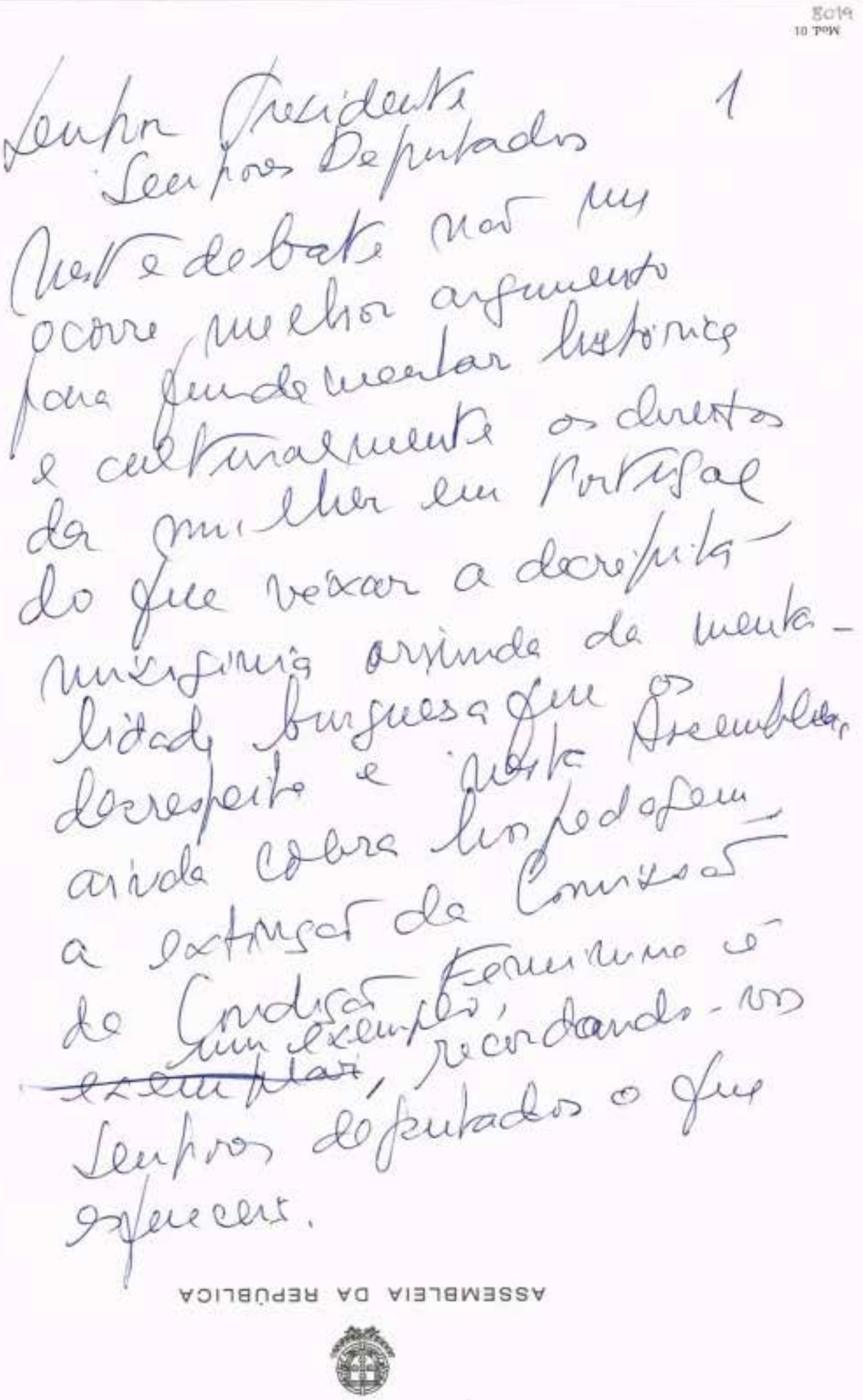

8019

ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

A mulher
Intervenção
Assembleia
da República

1

Mod. 01


8019
Mod. 01

Senhor Presidente 1
Senhores Deputados

Neste debate não me
ocorre melhor argumento
para fundamentar historica
e culturalmente os direitos
da mulher em Portugal
do que recordar a decisão
unânime oriunda da menta-
lidade burguesa que os Deputados
democrático e laico da Assembleia
ainda sobre limitados fa-
zer a extensão da Constituição
de Cortes Federais e
~~exemplar~~, recordando-vos
Senhores Deputados o que
oferecem.

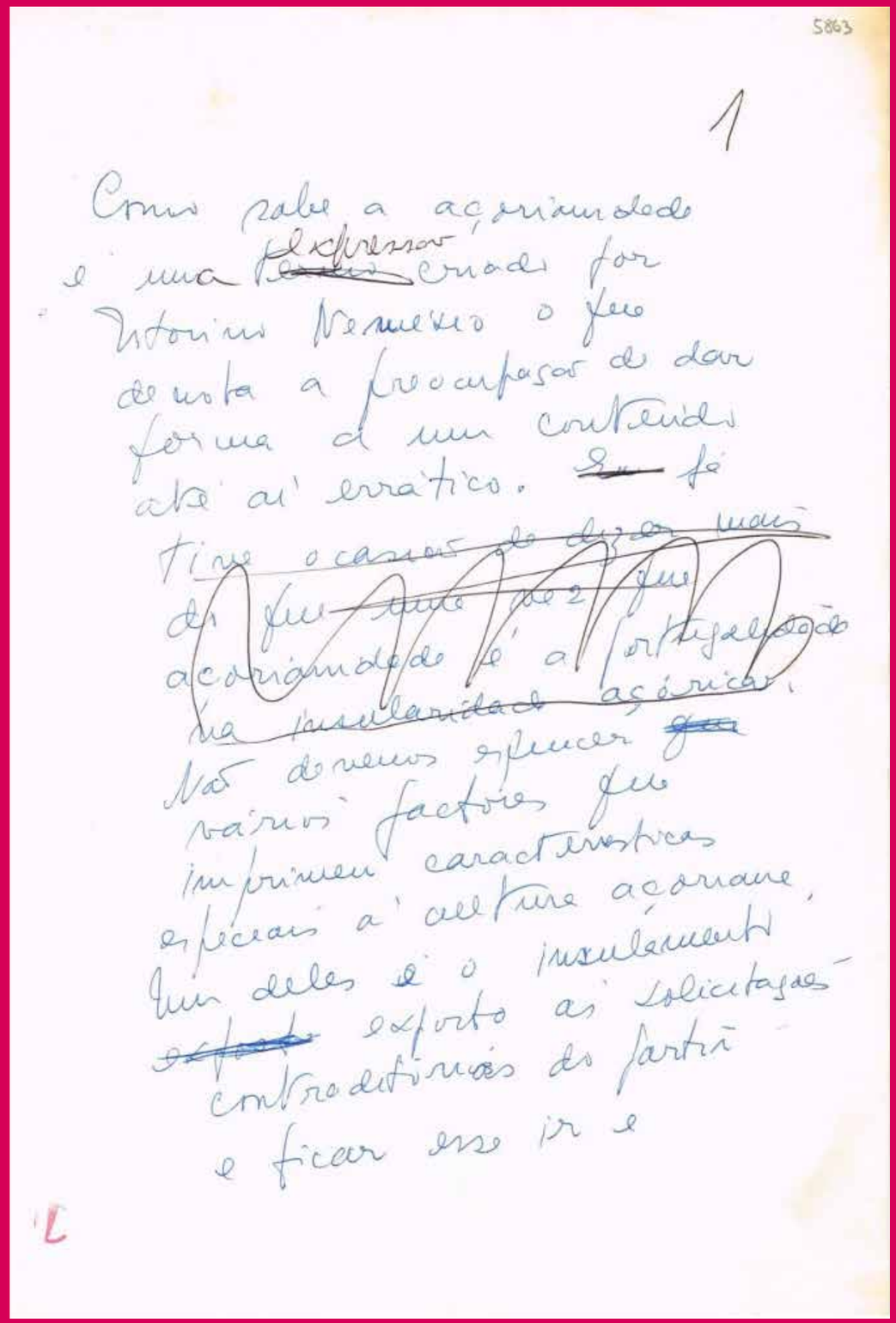
ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

1

30- **“A mulher. Intervenção na Assembleia da República”**, ant. 1993, ms. BPARPD/NC - 8019

Embora estejam ausentes os manuscritos ou datiloscritos das primeiras obras que Natália publica, a partir da década de 50 adensa-se o volume de originais natalianos. Mas se nem todos os manuscritos ou datiloscritos da extensa bibliografia de Natália Correia se encontram no arquivo, casos há em que se pode observar o processo de produção dos textos, nas várias versões existentes, bem como das negociações para publicação das obras, no país e no estrangeiro, e dos direitos de autor recebidos. Neste caso estão a peça de teatro *A Pécora* de que se possui não só a versão portuguesa mas também vários exemplares da versão vertida para francês, ou as correcções e revisões realizadas na colectânea *O sol nas noites e o luar nos dias.*

Analogamente, existem no arquivo textos, alguns com várias versões, que permanecem inéditos, como a peça de teatro *D. Carlos vai à guerra*. Outros que foram apenas proferidos oralmente, sobre temas diversificados, que vão desde a análise e elogio aos pensadores que a autora considera os seus grandes mestres, António Sérgio, Almada Negreiros ou Vitorino Nemésio (de quem recupera a ideia de açorianidade e de autonomia), a reflexões sobre literatura e correntes literárias ou textos de ficção.



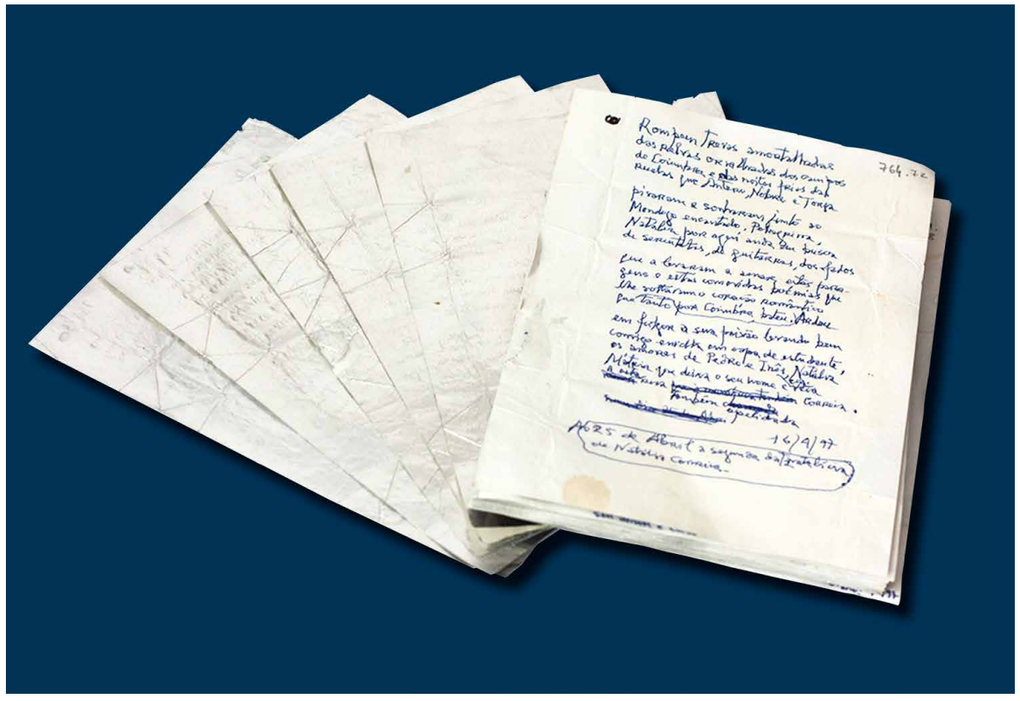
31 - **[Texto sobre "Ideia de açorianidade"]**, ant. 1993, ms. BPARPD/NC - 5863.

Alguns destes inéditos vieram a ser publicados postumamente, como é o caso das peças de teatro *Auto do Solstício de Inverno* ou, mais recentemente, *Sucubina ou a teoria do chapéu*. Encontra-se também o rascunho de textos que publica na imprensa nacional, nomeadamente os das colunas *O poeta e o mundo* e *Crónicas Vagantes,* ou os materiais coligidos para a apresentação de programas televisivos e guiões para os filmes *Soror Saudade* e *Santo Antero*. Relativamente a estes últimos, o facto de terem sido produzidos por Dórdio Guimarães justifica que se encontre, no seu respetivo arquivo material que ajuda a compreender a sua produção, tanto gráfico como em especial fotográfico, através de exaustivas reportagens que documentam a realização destes e de outros filmes, em que o guionista é o próprio Dórdio, o caso de *Todas as cartas de amor são ridículas*, sobre os amores de Fernando Pessoa, ou a finalização das filmagens de *Cântico Final*, após a morte de Manuel Guimarães.



32- **[Prova fotográfica de filmagens de *Todas as cartas de amor são ridículas*]**, 1986. BPARPD/DG 02-32.8

No arquivo de Dórdio Guimarães, além de documentos de natureza pessoal, como correspondência, certidões, diplomas e documentos médicos, existe um importante núcleo relativo à vida dos seus familiares, nomeadamente dos seus avós, fundadores da pensão dos Aliados no Porto, e de seu pai Manuel Guimarães, de quem guarda vários manuscritos e documentos sobre a empresa cinematográfica de que este foi fundador. Mas, sobretudo, existem documentos sobre Natália Correia, a quem se reporta um número significativo de provas fotográficas, correspondência, poemas e notas manuscritas, algumas corrigindo e criticando textos do titular, mas também inúmeros poemas dedicados a Cyntia, os quais, em muitos casos, permanecem inéditos, sobretudo os mais recentes, redigidos após a morte da escritora micaelense.



33- [Poema de Dórdio Guimarães dedicado a Natália Correia], 1997, ms. BPARPD/DG - 764.72

Na verdade, Dórdio Guimarães dedica os últimos anos da sua vida a construir uma memória de Natália Correia, a qual pretendia duradoura. O seu arquivo é disso testemunha, seja através dos escritos que lhe dedica, da Fundação que cria com o nome da poetisa (cuja documentação a que deu origem ficou à sua guarda), dos inúmeros recortes de imprensa em que o seu nome surge mencionado (que zelosamente coleciona e arquiva) seja, sobretudo, pelas diligências que realiza para preservar e assegurar a divulgação do legado desta figura incontornável da cultura portuguesa.

03

A DESCRIÇÃO DOS ARQUIVOS DE NATÁLIA CORREIA E DÓRDIO GUIMARÃES

Depois da experiência falhada da criação da Fundação Natália Correia, cujo principal objetivo era preservar e difundir a memória da escritora, a opção de Dórdio em doar os bens desta, e os seus próprios, a várias instituições públicas, foram a forma encontrada para alcançar a imortalidade. Relativamente aos arquivos de ambos os escritores, assim como às suas bibliotecas, o acolhimento na Biblioteca Nacional de Portugal e depois na Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, para onde foram enviadas inicialmente as bibliotecas, a que posteriormente se juntaram os arquivos, possibilita a sua salvaguarda e divulgação.

O tratamento destes, em que foram sujeitos a uma metodologia de organização e de descrição, tendo em vista a disponibilização dos documentos para consulta, bem como a definição de recursos destinados à sua preservação, estabelece para eles um lugar. Neste tratamento, o ideal seria seguir a estrutura original do arquivo, mas esta, nos casos em estudo, não era nítida.

Aquando da morte de Dórdio Guimarães, e seguindo as suas disposições testamentárias, Helena Roseta reuniu uma equipa para pré inventariar o recheio que se encontrava na residência do casal. Relativamente aos papéis, como em tudo o resto, a acumulação era bastante aleatória, sendo praticamente impossível estabelecer uma ordem original do conjunto dos documentos guardados.

Na verdade, esta realidade é frequente nos arquivos pessoais que muitas vezes nunca foram classificados ou em que a ordem primitiva sofreu alterações. No caso de Natália sabe-se, como o recorda Fernando Da Costa, que no final da sua vida contou com a ajuda de João Rubus, um jovem que acolheu em casa e que se ocupou "com inigualável entrega, a inventariar espólios, ordenar inéditos, recuperar originais, catalogar recortes, selecionar escritos, muitos deles … há muito tempo perdidos por ela".

A sua ajuda foi importante, por exemplo, para reunir a poesia da escritora micaelense na coletânea *O Sol nas noites e o luar nos dias*, mas insuficiente para tratar toda a massa documental acumulada, que terá permanecido desorganizada, na sua grande maioria, embora houvesse o cuidado de a manter coesa. Isto é, foi respeitada a individualidade do conjunto, sem o misturar com os documentos que pertenciam a Dórdio Guimarães.

Por outras palavras, assegurou-se o respeito pelo princípio da proveniência, considerando-se a existência de dois arquivos distintos, nos quais foram incluídos documentos com data posterior à morte do titular. Se no caso de Natália Correia o seu volume é remanescente, traduzindo-se sobretudo em algumas cartas enviadas já após o seu falecimento, no caso de Dórdio Guimarães é mais expressivo.

É significativo, por exemplo, o volume de telegramas de pêsames pela morte do titular, bem como de recortes de jornais, e algumas fotocópias com referências a Natália Correia.

Estas ações mostram que o arquivo, ao longo da sua vida, foi sujeito a várias interferências. Antes de mais, na fase de acumulação, à ação do seu titular, agregando ou subtraindo elementos, mas também dos "auxiliares", como é o caso de João Rubus ou mesmo de secretários que prepararam e organizaram dossiês sobre vários temas, durante o tempo em que Natália desempenhou cargos políticos, (como consultora da Secretaria de Estado da Cultura ou como deputada). Após a morte dos seus titulares, pela interferência de familiares e amigos que tiveram o cuidado de agregar documentos àqueles dirigidos. Por fim, a classificação e inventariação finais do arquivo sujeita-o a uma nova intervenção que pretende assegurar a permanência da memória dos seus titulares.

O PLANO DE CLASSIFICAÇÃO

Nos dois casos em estudo, a organização dos arquivos é realizada em vários momentos. Ainda no andar da Rua Rodrigues Sampaio, os bens encontrados, mais ou menos a monte, foram fotografados e inventariados em duas bases de dados, uma para Dórdio e outra para Natália, sendo cada uma delas estruturada segundo as características das espécies, especificamente a cinemateca, discoteca, fototeca, hemeroteca, pinacoteca, recheio, videoteca, biblioteca e acervo literário. Esta última foi, em ambos os casos, organizada intelectual e fisicamente segundo o quadro de classificação utilizado pelo Arquivo de Cultura Portuguesa Contemporânea da Biblioteca Nacional de Portugal.

Os arquivos foram, posteriormente, para a Biblioteca Nacional de Portugal onde, pouco depois do seu ingresso, se deu início ao tratamento e descrição do legado de Natália Correia. O trabalho foi, no entanto, interrompido ao fim de oito anos, em 2007, devido a inibições orçamentais, sem que estivesse concluído. Só em 2012, após a sua transferência para a Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, realizada em 2010, foi retomada a descrição do fundo Natália Correia e de Dórdio Guimarães.

Nos Açores, a tarefa a realizar nos arquivos recebidos esteve largamente condicionada pelo quadro de classificação que informa a organização física e intelectual de ambos os arquivos, tributário do esquema organizativo existente no Arquivo da Cultura Portuguesa Contemporânea. Tais critérios foram enunciados em 1992 por António Brás de Oliveira, num artigo em que expõe o arranjo dado aos espólios dos escritores recebidos pelo Arquivo da Cultura Portuguesa, os quais, segundo o autor, em 90 por cento dos casos, além de não estarem completos, não apresentam qualquer ordem reconhecível ou respeitável. Perante essa desordem, a opção tomada foi a criação de seis séries, essencialmente tipológicas, seguindo a natureza da documentação.

A grande divisão estabelece-se entre os papéis do titular do arquivo, gerados no âmbito da sua atividade, e os de terceiros que recebe da convivência social.

Deste modo, há uma separação, no esquema de inventário de espólios literários, entre os documentos do titular, designado de *Autor*, e os de terceiros, a qual é essencialmente intelectual, mas também física, pois tanto o arquivo de Natália Correia como o de Dórdio Guimarães receberam, logo no andar da Rua Rodrigues Sampaio, uma ordenação que segue maioritariamente as séries definidas. A primeira série a ser ordenada foi a correspondência, dissociando-se, tanto no arquivo de Natália como no Dórdio, em duas sub-séries, as *Cartas do Autor* e as *Cartas ao Autor*, podendo ainda existir uma terceira sub-série denominada *Correspondências*, que não foi considerada em nenhum dos dois arquivos.

Embora a ordem atribuída à documentação de ambos os fundos tenha iniciado com a série *Correspondência*, no esquema organizativo do Arquivo da Cultura Portuguesa Contemporânea, a primeira série a ser considerada é a de *Manuscritos de Autor* "de longe a mais importante",[5] em que a classificação em sub-séries é feita segundo o género literário, em *Prosa, Poesia, Teatro, Música, Desenhos, Adaptações, Traduções, Edições* e *Vária*.

Finalmente, o último grande grupo considerado sobre o *Autor* são os *Documentos Anexos*, incluindo-se aqui todos os documentos que, não sendo autógrafos, remetem, supostamente, para a vida quotidiana do titular do arquivo. De acordo com o plano de classificação, esta série encontra-se subdividida nas sub-séries *Documentos Biográficos, Recortes de Imprensa, Impressos, Iconografia* e *Vária*. Relativamente aos documentos que, no esquema do inventário do Arquivo da Cultura Contemporânea Portuguesa, são considerados como pertencentes a *Terceiros* e, como tal, entendidos como coleções constituem, tal como os documentos de *Autor*, três séries distintas, a dos *Manuscritos*, *Correspondência* e *Documentos Anexos* e estão divididas em sub-séries equivalentes às que foram definidas para o *Autor.*

(5) OLIVEIRA, António Braz de – *Arquivística literária haec subtilis ars inveniendi.* Cadernos BAD. Lisboa: Cadernos BAD, 1992, nº2, p.112.

A DESCRIÇÃO DOS FUNDOS

De um modo geral, estes critérios, que orientam metodologicamente a descrição dos "espólios literários dos escritores" do Arquivo de Cultura Contemporânea Portuguesa, continuaram a ser seguidos após a transferência dos arquivos para a Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada. Houve, porém, a necessidade de proceder a adaptações e modificações ao plano de classificação sugerido, que conduziram à omissão de algumas sub-séries e inclusão de outras.

Desde logo, por desconhecimento, ou discordância, do que se entende como material a ser incluído em *Vária*, sub-série destinada a categorizar agendas ou notas inconclusivas do *Autor* ou de *Terceiros*. Ora, tanto num caso como no outro, a opção foi a de incluir estes escritos nas séries consideradas em *Documentos Anexos* ou em *Manuscritos*, referenciando sumariamente o seu conteúdo. Da mesma forma, a sub-série *Recortes de Imprensa* foi ignorada, sendo incluída na de *Impressos*, categoria apenas admitida para o *Autor*. Entendeu-se, neste caso, que os *Recortes* de *Imprensa* são documentos *Impressos*, pelo que não se justificava a dissociação de uns e de outros.

Por outro lado, a opção de os considerar a todos como pertencentes à categoria de *Documentos Anexos do Autor* deve-se a se ter interpretado serem resultado de uma ação realizada pelo titular do arquivo de acumular, ou colecionar, recortes que considerava pertinentes, seja por se referirem a si, como frequentemente acontece no fundo Natália Correia, seja por mencionarem alguém familiar, o caso dos recortes sobre Natália no arquivo de Dórdio Guimarães, ou ainda por reunir matéria de um assunto de particular interesse. Nesta série foram também incluídos exemplares de periódicos e cópias de textos, manuscritos ou datiloscritos, enviados a Natália Correia. Pela mesma razão a sub-série Iconografia, destinada a imagens, como postais, posters e sobretudo provas fotográficas, foi apenas descrita na sub-série de *Documentos Anexos do Autor*.

No Arquivo Natália Correia, bem como no de Dórdio Guimarães, existem pequenos núcleos de documentação, mais ou menos coesa, que parece ter sido herdada pelos titulares de antepassados ou de entes próximos, como seja o conjunto de documentos que pertenceram a Manuel Cardoso Marta ou a Manuel Guimarães. Segundo o esquema do Arquivo da Cultura Contemporânea Portuguesa, em tais conjuntos poder-se-á ponderar a sua ordenação e classificação autónoma, referindo a proveniência e inventariando-os segundo as tipologias usadas para classificar o espólio do Autor. Esta metodologia podia ser pertinente, através da criação de uma secção para esses núcleos, dentro de cada um dos fundos. No entanto, à data da sua receção existiam documentos, supostamente pertencentes a estes conjuntos, que estavam já ordenados e descritos como fazendo parte do arquivo dos titulares, pelo que se tornou impossível desviá-los para outra forma de descrição.

Assim, a única situação que resultou no acrescento, no quadro de classificação definido pelo Arquivo de Cultura Contemporânea Portuguesa, foi a de incluir, no arquivo Dórdio Guimarães, a secção Fundação Natália Correia, para a documentação produzida em 1993 e 1994, com o intuito de obter financiamentos para a realização da Exposição *Mãe Ilha* e outras iniciativas cujo principal propósito era recordar a escritora micaelense.

Embora as alterações introduzidas ao esquema inicial apresentado pelo Arquivo de Cultura Contemporânea Portuguesa não sejam significativas, traduzem-se numa apresentação diferente, nomeadamente na contabilização dos documentos que integram o fundo Natália Correia.

Como foi anteriormente referido, a descrição realizada na Biblioteca Nacional de Portugal foi interrompida sem que o trabalho estivesse concluído ou revisto, de que resultaram incongruências na cotação dos documentos.

A numeração dos documentos foi sempre sequencial, critério que se manteve. No entanto, verificou-se que inicialmente documentos distintos, por exemplo o manuscrito, datiloscrito e, por vezes a cópia deste, receberam a mesma cota, enquanto, em outros casos, um mesmo documento possuía cotas distintas. Como resultado, a correção realizada levou a uma alteração substancial na cotação atribuída, assinalada na base de dados em que é sempre referida a cota antiga e a cota atual. Assim, considerou-se que dos 24.144 documentos que compõe o fundo Natália Correia foram descritos na Biblioteca Nacional de Portugal 12.179 e não

os 5.411 inicialmente contabilizados, compostos sobretudo pelas séries *Correspondência* e *Manuscritos de Autora*, o que constitui pouco mais de metade do arquivo.

De um modo geral, as modificações operadas procuraram, antes de mais, aproximar a descrição dos fundos das normas de descrição em arquivos pois o modelo do Arquivo da Cultura Contemporânea Portuguesa é único.

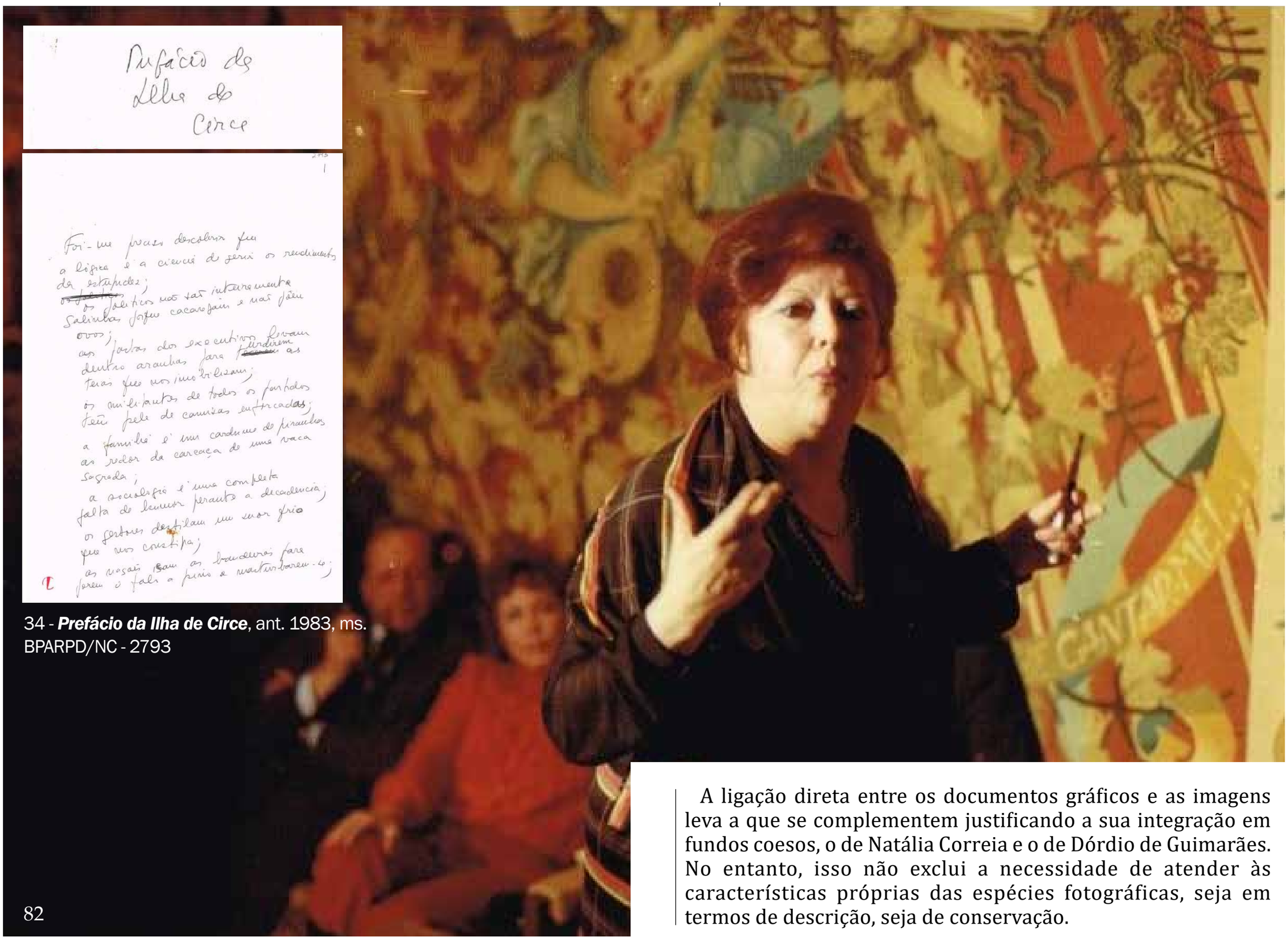
Procurou-se ir ao encontro de modelos normalizados para arquivos, que têm a vantagem de agilizar o trabalho técnico e facilitar a troca de informação entre centros. Concretamente, seguir os princípios enunciados pelas *Orientações para Descrição Arquivística* (ODA), documento normalizador elaborado pela Direção Geral do Livro, Arquivos e Bibliotecas para uma descrição multi-nível, do genérico para o específico, com ligação entre as descrições, evitando a repetição de informação a níveis distintos.

A descrição nos Arquivos Natália Correia e Dórdio Guimarães é feita a vários níveis, segundo as características da documentação, e de alguns condicionalismos impostos pela organização apresentada. Desde logo, do fundo, o nível mais genérico, mas também da secção, caso já mencionado, da unidade de instalação e sobretudo do documento composto e do documento simples. Além da "Zona de Identificação", obrigatória em qualquer nível de descrição, de que fazem parte o *Código de Referência*, *Título, Data*, *Nível de Descrição* e *Dimensão e Suporte*, foram ainda selecionados como campos de preenchimento obrigatório o Âmbito e Conteúdo, em que se fornece um breve resumo do conteúdo e, sempre que necessário, os campos de *Idioma / Escrita*, para documentos redigidos em língua estrangeira, e o de *Notas*, para a informação considerada pertinente mas não inserível em outro campo. Na descrição realizada foi aplicado um controlo do vocabulário, para controlo da sinonímia, atualização da grafia e termos e uso preferencial do singular e do masculino, tendo em vista facilitar a recuperação da informação no momento da pesquisa.

O esforço de normalização não desvirtuou o modelo de descrição iniciado no Arquivo da Cultura Contemporânea Portuguesa que, em larga medida, se manteve, embora adaptado, para se poder preencher os campos obrigatórios de descrição arquivística, bem como dissociar os diferentes níveis de descrição utilizados em ambos os arquivos, reconhecidos pelas *Orientações para a Descrição em Arquivos*, as quais serviram também de guia para descrever o conjunto de provas fotográficas.

Inicialmente, quando os bens de Natália Correia e de Dórdio Guimarães foram inventariados, a opção foi de dissociar as provas fotográficas do arquivo dos escritores, tendo sido criada uma base de dados autónoma. Ainda no andar da Rua Rodrigues Sampaio, procedeu-se à reprodução das provas que pertenciam ao fundo Natália Correia, e parte do fundo Dórdio Guimarães, a que se associou uma descrição sumária com identificação de personagens, número de provas em cada conjunto, processo fotográfico e dimensão, criando-se um importante instrumento de acesso que pode substituir um primeiro contacto com o documento original.

Após a receção dos arquivos na Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada optou-se por incluir a descrição das provas fotográficas na base de dados de cada um dos fundos, na sub-série *Iconografia*, da série *Documentos Anexos do Autor.* Esta opção foi sugerida pelo conteúdo do conjunto, constituído maioritariamente por fotografias não profissionais, cuja principal função é o registo de momentos que se quer guardar e recordar. Por vezes, estão associadas a cartas ou a outros documentos gráficos que facilitam a sua datação, em outros casos constituem reportagens sobre acontecimentos, como o lançamento de um livro de Natália, ou de Dórdio, festejos no Botequim, visitas ao estrangeiro, documentados, de igual modo, em manuscritos ou recortes de imprensa que fazem também parte dos arquivos.



34 - ***Prefácio da Ilha de Circe***, ant. 1983, ms.
BPARPD/NC - 2793

A ligação direta entre os documentos gráficos e as imagens leva a que se complementem justificando a sua integração em fundos coesos, o de Natália Correia e o de Dórdio de Guimarães. No entanto, isso não exclui a necessidade de atender às características próprias das espécies fotográficas, seja em termos de descrição, seja de conservação.

Ao analisar uma fotografia adquire-se uma série de noções e de conceitos que devem ser reproduzidos através de uma informação escrita. Nos casos concretos, essa descrição, tendo seguido genericamente a metodologia sugerida pelas *Orientações para a descrição em arquivos*, é apresentada no *Âmbito e Conteúdo* em forma de grelha, onde foram preenchidos os campos *Assunto*, *Grupo Identificado*, *Cidade* e *País*, através de palavras-chave, em que há um controlo do vocabulário. Relativamente ao nível de descrição, tal como acontece em relação aos documentos gráficos, foram vários desde o mais genérico, a sub-série *Iconografia*, que inclui também outros documentos, como postais ou posters, a *unidade de instalação* ao *documento composto* e *documento simples.* Genericamente, os conjuntos criados na origem foram respeitados, embora os critérios para a sua descrição alternem de acordo com as características e uniformidade do conjunto. Esta flexibilidade ficou-se a dever tanto à dimensão do material, cerca de 1.728 provas do fundo de Natália e 2.644 do de Dórdio Guimarães, além de negativos e *slides*, como pela riqueza dos conteúdos. Nos casos em que estavam reunidas provas sem ligação entre si, embora esta fosse mantida, houve necessidade de efectuar uma descrição ao nível do documento simples, especificando o conteúdo de cada imagem. Por outro lado, nas imagens que remetem para um mesmo assunto optou-se por descrever todo o conjunto, identificando o local, as pessoas, quando possível, e a realidade observada. Nas situações em que as provas foram já anteriormente objecto de edição, caso se tenha tido conhecimento, tal é referido no campo *Referências Bibliográficas*, remetendo para as *Notas* o conteúdo textual das provas legendadas e para *Unidades de Descrição Relacionadas* a existência de documentos, sobretudo gráficos, existentes no fundo que estejam ligados às provas.

O ACONDICIONAMENTO

Embora a relação entre as unidades de descrição seja mencionada, sempre que possível, em todos os registos da base, em relação às provas fotográficas é mais sistemática. Com efeito, as características próprias do suporte das espécies fotográficas recomendam que estas sejam reunidas em grupos segundo o tipo e o formato. Por conseguinte, procedeu-se à sua remoção quando se encontravam junto a materiais escritos ou impressos, colocando em seu lugar um fantasma com referência à nova localização e referindo, na base de dados, nas *Unidades de Descrição Relacionada*, essa ligação, bem como nas *Notas* o motivo por que lhe foi atribuída a nova posição. Procedeu-se da mesma forma nos envelopes em que os negativos estavam junto às provas reveladas, bem como no caso de documentos gráficos de dimensões superiores às caixas de acondicionamento, sobretudo de jornais, que foram colocados em novas caixas adequadas à sua dimensão.





35 - **Pasta de acondicionamento de jornais de grandes dimensões.**

A nova ordenação dada às espécies fotográficas teve vários momentos. Foram agrupadas segundo os materiais, negativos, *slides*, provas a cor e provas a preto e branco. No caso das duas últimas a separação havia já sido realizada na inventariação feita na Rua Rodrigues Sampaio. A segunda etapa foi o agrupamento por formatos, que permite reduzir o volume da coleção e acomodar melhor as espécies. No entanto, neste caso houve exceções, respeitou-se a manutenção dos conjuntos criados tematicamente, fosse de provas avulsas, fosse sobretudo as que se encontram em álbuns. Por último, procedeu-se a uma nova numeração individual das espécies, em que houve o cuidado de manter a numeração inicial no campo cota antiga. Relativamente à nova cota, esta foi atribuída segundo o processo fotográfico, em que para às provas a preto e branco foi dado o código 01, para as de cor 02 e para os negativos o 03, sendo depois sequencial, do formato de menores dimensões para o maior, sendo o número inscrito apenas na embalagem individual, e não na espécie, onde se encontra impressa a numeração atribuída pela primeira inventariação.



36- **Imagem de acondicionamento individual das espécies e de envelope.**

A proteção das espécies fotográficas foi feita em quatro níveis. O primeiro, foi o da embalagem individual, onde se inscreveu a cotação da espécie, num segundo passo em envelopes, feitos à medida, e depois em caixa de cartão *acid-free*, com o formato adequado para as dimensões das espécies.



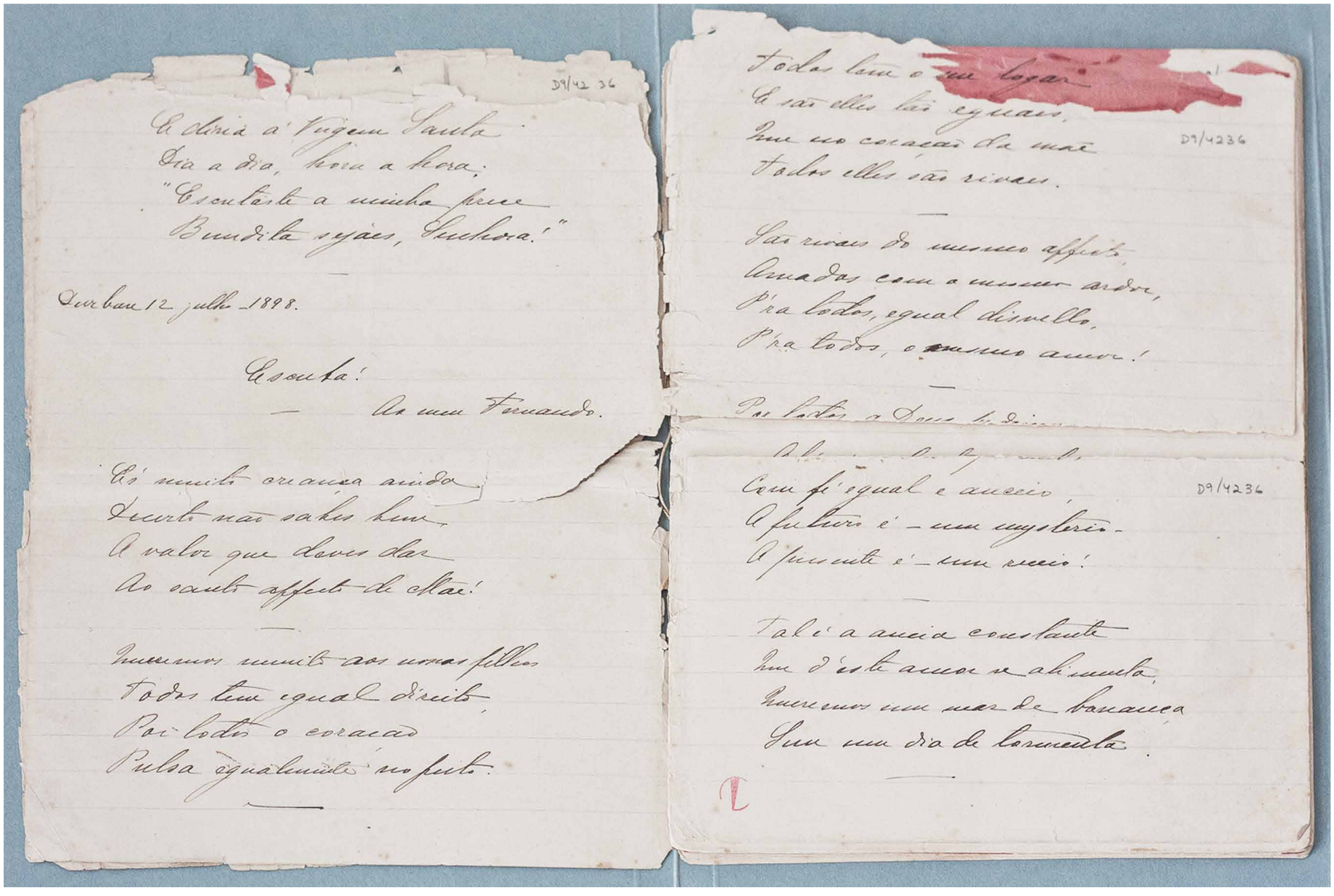
37 - **Caixa de acondicionamento das fotografias.**

Já no depósito ambientado as caixas foram colocadas em prateleiras. As exceções referem-se apenas a objetos mais frágeis, ou de dimensões fora do formato normalizado, que receberam um acondicionamento individual, e as que se mantiveram nas caixas de origem, por exemplo os álbuns.
Na proteção utilizou-se material quimicamente estável, não apenas no caso das espécies fotográficas, como em todos os materiais que compõe o fundo, de forma a retardar o processo de acidificação e salvaguardar a integridade dos documentos.



38 - **Arquivo de Natália Correia e Dórdio Guimarães.**

Os arquivos de Natália Correia e Dórdio Guimarães encontram-se, na sua maioria, em bom estado de conservação embora alguns documentos mais antigos, como os manuscritos de Manuel Cardoso Marta, de Maria Madalena Pinheiro Nogueira, ou algumas espécies fotográficas, apresentem sinais de deterioração. Nestes, como em outros casos, verifica-se a oxidação e acidez do papel, bem como corrosão provocada pelas tintas que conferem ao suporte um aspeto quebradiço, descoloração e deformações variadas.



39 - Poema de Maria Madalena Pinheiro Nogueira dedicado a seu filho, Fernando Pessoa, ant. 1925, ms. BPARPD/NC - 12.149

O procedimento adotado traduziu-se na sua limpeza e digitalização dos documentos mais afetados, evitando o seu manuseamento, e, simultaneamente, assegurando a sua disponibilização aos utilizadores atuais e futuros.

Genericamente, o tratamento arquivístico realizado aos arquivos de Natália Correia e Dórdio Guimarães permite disponibilizar a informação aí incluída. No entanto, tal como o conteúdo dos arquivos que privilegiam determinadas facetas e períodos cronológicos da sua actuação, também a descrição realizada confere ênfases e produz exclusões. Muitos são os factores que para isso contribuem, o tempo previsto para a execução das tarefas, que incluía a descrição dos arquivos e a revisão dos registos e acondicionamento de mais de 37.000 documentos, no cômputo dos dois fundos. Mas, sobretudo, a forma como os arquivos foram recebidos, ordenados, segundo os critérios do Arquivo de Cultura Contemporânea Portuguesa, onde se dera já início à descrição do arquivo de Natália Correia, cujos critérios foram na sua maioria mantidos.

Estes critérios priorizam, de modo evidente, um dos aspectos da vida dos titulares e dos conjuntos documentais com estes relacionados, a faceta de escritores, em particular de Natália Correia, autora de uma extensa obra publicada. Deste modo, evidencia-se a produção intelectual do titular e de terceiros, incluída na série *Manuscritos* onde se identificam os originais de livros, de resenhas, de artigos, frequentemente descritos à peça, ou junto com o datiloscrito, e em que se reconhecem , por vezes, as versões de um mesmo texto. Também a série *Correspondência* ganha visibilidade, permitindo entrever os círculos de sociabilidade extensos, sobretudo no caso de Natália Correia, ao ser descrita ao nível do documento simples, ou composto, quando o interlocutor é responsável pelo envio de mais de uma missiva.

A valorização destas séries relega, por sua vez, outros conjuntos documentais para classificações generalizantes que os condenam a uma descrição mais sumária. Aliás, mesmo na série *Manuscritos* se encontram, ocasionalmente, conjuntos bastantes numerosos, de folhas soltas com poemas ou textos, às vezes truncados ou parcelares, os quais por não serem fáceis de identificar foram descritos em conjuntos bastante volumosos, criados pela instituição de acolhimento dos arquivos.

Esta metodologia é frequentemente adoptada, seja nos impressos, onde por vezes um único registo abarca dezenas, mesmo centenas de documentos, seja na série *Documentos*, *Anexos de Autor* e de *Terceiros*, em que se criam conjuntos compostos por faturas, recibos, contas, outros por documentos de identificação ou contratos em que se condensa um significativo volume documental. No modelo descritivo adoptado e no arranjo documental efectuado, seria impensável descrever todos os documentos que compõem os arquivos de Natália Correia e Dórdio Guimarães à peça, até porque o tempo é limitado, o que gera tipologias documentais que são desvalorizadas e que ocupam um lugar secundário nas etapas de arranjo e descrição do arquivo e que, em última análise, levam a ocultar determinadas facetas da vida dos titulares dos arquivos, como a de activista dos direitos da mulher ou de defensora da cultura, em Natália Correia, ou a de cineasta no caso de Dórdio, entre outras que podiam ser lembradas. Apesar das falhas, o instrumento de descrição produzido é, em ambos os casos, bastante minucioso. Detendo-se a descrição ao nível do documento composto e, com frequência, do documento simples, o resultado foi elaborar um instrumento de acesso que por vezes chega ao nível do catálogo, embora, maioritariamente, se mantenha na categoria de inventário analítico.

Bibliografia

Instrumentos de descrição

- *Norma Portuguesa 3715. Documentação. Método para a análise de documentos, determinação do seu conteúdo e selecção de termos de indexação*. Lisboa: Instituto Português de Qualidade, 1989.

- *Norma Portuguesa 4036. Documentação. Tesauros monolingues: diretivas para a sua construção e desenvolvimentos*. Lisboa: Instituto Português de Qualidade, 1993.

- *Orientações para a descrição arquivística. Grupo de trabalho para a normalização da descrição em arquivo*. Lisboa: IANTT, 2ª versão, 2007.

Bibliografia sumária

- ALEGRE, Manuel – *Natália Correia: Senhora da Rosa*. Jornal de Letras, Artes e Ideias. Lisboa: Dijornal [distrib.], Ano 16, nº663, (13 a 26 mar., 1996), p.43.

- ALMEIDA, Ângela – *Retrato de Natália Correia*. Jornal de Letras, Artes e Ideias. Lisboa: Dijornal [distrib.], Ano 14, nº612, (29 mar., 1994), p.16/17.

- ALMEIDA, Ângela – *Retrato de Natália Correia*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1994.

- ALMEIDA, Ângela e COSTA, Francisco Rego (coordenação) – *In memoriam Natália Correia*. Ponta Delgada: Fórum Cultura, 2005.

- AMARAL, Fernando Pinto do – A ênfase do excesso. Fim de Semana. Suplemento Público. Lisboa: Electrolíber [distrib.]. Ano 4, nº1305, (1 out., 1993).

- CAMPOS, Maria Amélia – *A Senhora da Rosa: biografia Natália Correia: poeta Portuguesa 1923 -1993*. Lisboa: Parceria A. M. Pereira, 2006.

- CASTRO, E. M. Melo e – *O dom da poesia*. Jornal de Letras, Artes e Ideias. Lisboa: Dijornal [distrib.], Ano 13, nº579, (10 a 16 fev., 1993), p.9/10.

- COSTA, Ana Paula – *Natália Correia: fotobiografia*. Lisboa: D. Quixote, 2005

- CUNHA, Pedro – *Natália Correia: a mulher que cruzou todos os mares*. Público. Lisboa: Midesa [distrib.]. Ano 14, nº4741, (16 mar., 2003), p.40/41.

- DACOSTA, Fernando – *A Natalidade de Natália*. In Natália Correia, 10 anos depois... Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2003, p.9/18.

- DACOSTA, Fernando – *O Botequim da Liberdade*. Lisboa: Casa das Letras, 2013.

- HEYMANN, Luciana Quillet – *De arquivo pessoal a património nacional: reflexões sobre a construção social do "legado" de Darcy Ribeiro*, Rio de Janeiro, Dissertação de doutoramento, 2009.

- LELLO, Júlia – Natália e a noite…: ou um "Botequim" que entrou na história. Letras& Letras. Lisboa: Electroliber [distrib.]. ano 6, nº97, (16 de jun., 1993), p.11.

-MARQUES, Carlos Vaz – *Natália Correia: a minha causa é combater a extinção das causas*. Jornal de Letras, Artes e Ideias. Lisboa: Dijornal [distrib.], Ano 8, nº302, (19 a 25 abr., 1988), p.8/9.

- MARQUES, Carlos Vaz – *Chamem-me romântica se quiserem*. O Jornal Ilustrado. Suplemento de O Jornal. Lisboa: Interpress [distrib.], 1990, Ano 16, nº798, 8 a 14 jun., p.6.

- *Natália: arte e poesia: colecções de arte do espólio de Natália Correia e Dórdio Guimarães*. Lisboa: Câmara municipal de Lisboa / Governo Regional dos Açores, [D.L. 1999], nº96, p.113.

- OLIVEIRA, António Braz de – *Arquivística literária haec subtilis ars inveniendi. Cadernos BAD*. Lisboa: Cadernos BAD, 1992, nº2, p.107/121.

- PEDROSA, Inês – *Quem tem medo de Natália Correia?* O Independente [Suplemento]. Lisboa: SOCI. Ano 2, nº68, (1 set., 1989), p.8/10.

- PAVÃO, Luís – *Conservação de colecções de fotografia*. Lisboa: Dinalivro, 1997.

- PIMENTEL, F. J. Vieira – *A mão que se move no escuro: 3 poetas dos Açores: Natália Correia, Armando Côrtes-Rodrigues, Pedro da Silveira*. Angra do Heroísmo: Direção Regional da Cultura, 2010.

- ROSA, Lurdes e NÓVOA, Rita Sampaio, *Arquivos de família: memórias habitadas. Guia para a salvaguarda e estudo de um património em risco*. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, 2014.

- ROSETA, Helena – *O Espólio de Natália Correia*. Leituras: Revista da Biblioteca nacional de Lisboa. Lisboa: Série 3, nº5, (out. 1999 – abr. 2000), p. 27/32.

- SEPÚLVEDA, Torcato – *A alma jovem censurada*. Público. Lisboa: Midesa [distrib.]. Ano 4, nº1107, (17 mar., 1993), p.2/3.

- VAZ, Artur – *Natália Correia: escritora do amor e da liberdade*. Fajã de Baixo: Junta de Freguesia da Fajã de Baixo, 2003.

EDIÇÕES
B&A -PDL



Nº1 - *Guia de Fundos de Arquivo:*
Biblioteca Pública e Arquivo Regional
de Ponta Delgada.



Nº2 - *Natália Correia. (1923 - 1993)*
Memórias Guardadas: Silêncios e Ênfases nos
Arquivos de Natália Correia e Dórdio Guimarães.

EDIÇÕES & B/A P D L

NATÁLIA CORREIA
(1923 - 1993)

Memórias Guardadas. Silêncios e Ênfases nos Arquivos de Natália Correia e Dórdio Guimarães.

Natália Correia é uma figura incontornável da cultura portuguesa que, ao longo da sua vida, conviveu com algumas das mais importantes personalidades do mundo da arte e da literatura do século XX.

O seu arquivo é um valioso meio para melhor conhecer a escritora. Composto por 23.234 documentos e 1728 provas fotográficas, revela uma enorme riqueza, tanto no período cronológico que abrange, como na variedade temática.

cultura
governo dos açores